



O Vilarejo é um lugar agradável, perfeito para se viver. Pena seus habitantes não se darem conta do privilégio que é morar lá, por desconhecerem tudo o que existe fora dele e, com isso, não terem base de comparação. Por sorte há, entre eles, uma menina curiosa que, movida pelo desejo de aventurar-se no desconhecido, um dia ultrapassará a fronteira de seu mundo, empreendendo uma jornada fabulosa, que redefinirá as medidas do tempo e do espaço.



BARCO
A VAPOR

Deslumbres e assombros

Lucas M. Carvalho

Ilustrações
Rafa Anton

DESLUMBRES E ASSOMBROS • LUCAS M. CARVALHO



PRÊMIO
BARCO
A VAPOR



1 8 2 7 4 5

ISBN 978-85-418-1813-1



9 788541 818131

Deslumbres e assombros

© Lucas M. Carvalho, 2016

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos

Assistência editorial: Olívia Lima

Preparação: Marcia Menin

Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: Completar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Lucas M.

Deslumbres e assombros / Lucas M. Carvalho ;
ilustrações Rafa Anton. -- 1. ed. -- São Paulo :
Edições SM, 2017. -- (Coleção barco a vapor)

ISBN 978-85-418-1813-1

1. Ficção - Literatura infantojuvenil
I. Anton, Rafa. II. Título III. Série.

17-05065

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição outubro de 2017

1ª impressão 2018

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel.: 11 2111 7400

www.edicoessm.com.br



BARCO
A VAPOR

Deslumbres e assombros

Lucas M. Carvalho

Ilustrações
Rafa Anton



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

SUMÁRIO

A casca do ovo	11
Era uma vez... ..	15
A menina que lia	21
A saída	29
Coisas grandiosas	33
A trilha	37
Os Jardins Sagrados	39
Um punhado de conselhos.....	45
O Caminho Molhado	51
Vasculhando	59
Laguna.....	67
Um capítulo qualquer	69
Aritnem	73
Um raro amigo	81
O abismo	87
A Capital.....	95
A recepção	97
Não	99
Real?.....	103

Oxímoro	109
O livro dentro do livro	115
Um passeio diminuto	119
Pequena trapaça.....	127
Aqui, ali ou lá	129
A Caverna Sinestésica	133
Omissões e intromissões	139
As coisas	143
Brincadeira sem fim	149
O Conselho das Matas	153
A montanha ali perto.....	157
Três sacrifícios.....	165
Belo mar.....	169
A Torre de Marfim	171
Desargumentos	177
Os povos.....	183
O (quase) final	187
A Terra das Noites Eternas.....	195
Os defeitos.....	199
As qualidades	203
O limiar	205
Entrada (ou saída?)	211
O Templo dos Tempos	213
Ouroboros	215
Uma escolha	219
O adeus de Ítaca	221

*Para Nicole,
a quem sempre dedicarei tudo.*

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● A CASCA DO OVO

CERTA VEZ UM AVÔ DESOCUPADO resolveu contar a seus netos a história de um cavaleiro que enfrentava toda sorte de perigos para salvar uma princesa presa na torre. Enquanto esperava o herói vir salvá-la, ela lia, entendiada, uma história sobre um caçador de tesouros. Este se tornou famoso pela quantidade de joias encontrada, mas não rico o bastante, já que todo tesouro era vendido a preço de banana e revendido a milhões. Então, como não valia a pena buscar ouro mesmo, decidiu traduzir caracteres antigos e partiu em busca de uma tumba. Decifrando o texto das paredes, viu tratar-se de uma fábula entre dois irmãos: um rato e um pardal.

Você acha estranho os dois serem irmãos? Pois bem, digo que eram gêmeos, ainda por cima. O rato costumava roubar comida do vizinho, e o irmão, sábio pardal, vivia a lhe dizer: “O que vem

fácil uma vez de jeito nenhum vem outra vez”. Aconteceu que o vizinho mudou-se; o rato não tinha mais de quem roubar e acabou morrendo de fome. Calma, não chore, eu estava brincando, digamos que ele apenas passou um aperto... O pardal o repreendeu, falou até dizer chega e acabou por contar ao irmão a história do macaquinho de pele rosada, velho amigo seu, que gostava de pregar peças até o dia em que foi pego. Na ocasião, precisou dispor de talento para inventar uma mentira: disse que, em uma estrada distante, havia sido enfeitado por um velho baixinho e corcunda; essa era a causa de sua natureza tão traiçoeira.

O velho baixinho e corcunda — que na verdade era uma mentira do macaco, que, por sua vez, era amigo do pardal, personagem da fábula inscrita na parede da tumba que figurava no livro da princesa, cujas aventuras do cavaleiro o avô contava a seus netos (aliás, nem sei como esse avô entrou aqui) — vivia em um vilarejo que tinha uma história muito especial.

Essa história, contudo, ainda não é a que nos interessa. Prometo que estamos quase lá, mas antes algo tem de ficar claro. Uma história, por definição, precisa de alguém que a conte e alguém que a escute. Em um meio-termo, ela não é nada,

porque, antes que você a escute, ela ainda não existe; só passa a existir conforme eu a conto para você... Mas já não sei o que isso tem a ver com o que eu dizia.

Ah, sim! Encontramos nossa história. Não depende só de mim acordá-la, mas podemos tentar. Uma cutucada, e nada. Agora é sua vez. Não tenha pena da casca grossa desse ovo gigante. Se ele chocar, aviso que corremos o risco de não gostar do que vai nascer. Está confuso? Calma, daqui para frente só piora. Ou não. Vai depender do que sair daí. Parece que a casca está trincando e já se pode sentir o vapor quente que vem de dentro...

Do meio desse fulgor de pensamentos se condensa um núcleo que talvez pareça superficial demais, cru demais, recém-nascido demais. Mas não! Ele pode ter um início anterior ao que se pensa e ser maior e mais abrangente que um ovo gigante — talvez englobe a si mesmo e a seus criadores, em um *loop* sem começo nem fim, sem maior nem menor.

Pronta em seus detalhes, quente como o magma de um vulcão, condensando-se aos poucos e aguardando apenas um olhar de uma alma viva ou morta, a história se enlaça e se desenlaça, pronta para romper e nascer, materializando tudo,

dando início a uma linha temporal que, uma vez atizada, quem poderá conter?

Está nervoso? Eu também.

Enquanto a casca trinca, despeçamo-nos, porque, depois que a energia líquida aí contida se espalhar, nem você nem eu seremos os mesmos. Muito menos eu, a voz que por livre vontade (ou pura falta de personalidade) apenas ecoa estas complexas palavras.

Era uma vez...

● ERA UMA VEZ...

ESTA HISTÓRIA SE PASSA naquele vilarejo, onde morava o velho baixinho e corcunda. Pensando bem, é outra história e, por consequência, outro vilarejo e outro velho baixinho e corcunda — este é incomparavelmente melhor. O vilarejo não tinha nome por um motivo simples: seus habitantes não conheciam vilarejos além daquele, então não podiam compará-lo com outros e diferenciá-los destes (até porque não havia outros, ora!). Como era o único para eles, chamava-se simplesmente Vilarejo.

É justo dizer que ele tinha cara de lembrança gostosa. Sua atmosfera fazia recordar um passado sem fim, trazia à tona as lembranças mais incertas e poderosas, daquelas que nos enchem de suspeitas quanto à veracidade e constituição. Meio sonho, meio real, mas sempre muito aconchegante. Também era um lugar pacato, o que não quer

dizer monótono ou sem graça. Ao contrário, o local despertava sensações que nunca cansavam, apesar de serem sempre as mesmas.

Sendo um lugar tão bonito e especial, era impossível não chamá-lo de lar. Qualquer um que a ele chegasse se sentiria tão acolhido como se tivesse passado ali os melhores momentos da infância. Localizado em uma floresta ou em um bosque mágico, o Vilarejo fora erguido com base nas tradições e no afeto. Nele havia casinhas de madeira, pequenas e arredondadas, com chami-



nés sempre fumegantes e cheiro de lenha queimando — dizem que os cheiros atiçam os sentimentos mais profundos, mas, infelizmente, não tenho como escrevê-los aqui, tampouco posso pedir que você feche os olhos e os sinta, pois não conseguirá ler de olhos fechados. Enfim... o Vilarajo cheirava a nascentes d'água brotando nas pedras no meio do mato, a flores e vento fresco, a terra molhada pela chuva, a galhos e orvalho, a aroma de inumeráveis plantas.

Alguns habitantes viviam em grandes cogumelos coloridos ou mesmo em árvores ocas, igualmente arredondadas, gordas e simpáticas, assim como todas as plantas e os animaizinhos. A própria natureza parecia distorcer-se na beleza do lugar, confundindo-nos sobre o que surgiu do quê: se a Terra do Sonho ou o Sonho da Terra. Alguns animais falavam, mas só quando estavam de bom humor. As plantas, por sua vez, não possuíam muito talento para a fala — embora, segundo alguns, elas até o tivessem, porém gostavam mesmo de ignorar os outros.

Uma meia dúzia de famílias vivia ali.

O sapateiro trabalhava, como condiz, fazendo sapatos — ele os fazia o dia todo, mas não sei se havia tantos pés para calçá-los.

O velho baixinho e corcunda era muito quieto, e há quem diga que ele fazia magias em sua quietude.

Três criancinhas brincavam dia e noite, sem parar, correndo, escondendo-se, pulando, pulando, pulando...

Havia também a casa número 1, a única numerada. Seus moradores não foram bem-sucedidos na tentativa de organizar o Vilarejo, uma vez que ninguém os acompanhou. Sem se darem por vencidos, insistiram nesse solitário paradigma, sendo seus únicos adeptos.

No alto de uma árvore, a mulher de cabelos escuros passava o dia na janela bisbilhotando os vizinhos, ainda que nada diferente acontecesse — acho até que, se porventura algo ocorresse, ela não saberia como reagir...

Já no canto mais tímido do Vilarejo, encontrava-se uma casa de pedra que, apesar de tudo, não se destacava, pois sua moradora, uma bruxa, preferia a discrição. Vivia mexendo com a colher de pau em seu caldeirão, preparando sabe-se lá o quê.

É claro que não havia apenas esses habitantes — não posso ficar aqui dando o endereço completo de cada infeliz que morava lá. Tinham outros, talvez mais uns três.

No entanto, o que fazia do Vilarejo um lugar tão especial não era sua beleza, seus moradores ou a paz que lá reinava. O que o tornava diferente era o fato de nenhum habitante dar-se conta do privilégio de viver em um lugar tão bom. Pois é, ninguém entrava ou saía dali, pois em certo trecho da trilha na floresta havia um tronco tombado — uma espécie de limite inconsciente, uma marca natural sinalizando “daqui ninguém passa”. Ninguém, tampouco, tentava passar, falava sobre passar ou pensava em passar, como se houvesse um acordo de não tocar no assunto e de mergulhar em um silêncio terrível sempre que a conversa ia para esse lado. Simplesmente eles não o ultrapassavam e pronto.

Esse jeito peculiar de viver no Vilarejo fora criado sobre o mistério e o tempo, mas nunca duvide da capacidade de alguém de mudar as coisas repentinamente...

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● A MENINA QUE LIA

A MENINA QUE LIA TODOS OS DIAS, horas e horas, era um daqueles “três habitantes” que não apresentei antes, e o fiz justamente para causar esse impacto: tcharam!

Não se indague demais, não resista aos fatos, nem fique curioso para saber quem eram os outros dois — você nunca saberá. Vale dizer que a menina, em sua humilde existência, se tornou ou se tornaria de grande importância para tudo e para todos.

Toda manhã ela buscava o canto mais aberto do Vilarejo, o lugar em que o sol podia dar as caras mais espaçosamente. Então se aconchegava nas raízes de uma árvore e folheava um grande livro de capa vermelha. O que ele continha não importa, talvez nem ela o soubesse. Lia-o com tanta ânsia que às vezes tinha vontade de chutar as vírgulas para longe — exagero meu, acho...

Mas o fato é que sua leitura era fantástica e fantasiosa; até os sons do Vilarejo, tão magníficos, calavam-se em augusto silêncio, rompido apenas pelo papel virando, página por página.

Pobre criança órfã... Não!!! Claro que ela não era órfã, eu estava apenas fazendo um teste. Por que toda história infantil tem de ter um órfão? Entretanto, como outras crianças, ela imaginava que seus pais fossem reis de um mundo distante, ou grandes benfeitores mortos injustamente, ou, ainda, seres superpoderosos. Diante de tamanha imaginação, talvez fosse difícil para ela se conformar com o fato de seus pais serem os maníacos por organização, os donos da única casa numerada no Vilarejo. Isso, porém, não quer dizer que ela não os amasse. Apenas significa que sua mente insistia em voar além. Talvez não haja mal nisso. Quem sabe...

Enfim, ela era apenas uma criança não órfã com uma imaginação vibrante, que valia por si só. Chamava-se Naia, um nome que nem de perto nem de longe lembra coisa alguma. Mas, afinal, o que um nome deve lembrar, a não ser a própria figura que o carrega? Essa história esconde mais coisas do que conta. É por isso que estamos tão ansiosos para prosseguir.

O Vilarejo continua o mesmo. Naia, contudo,

creceu um pouco, mas não o suficiente para deixar de ser chamada de criança. No entanto, sua mente estava cada vez mais brilhante. Havia algo nela, um interesse pelas coisas, pelo mundo, uma vontade de conhecer mais... uma curiosidade genial. Ainda era uma centelha, mas quem sabe até que ponto ela poderia crescer?

— Mãe, por que ninguém nunca saiu daqui?

— perguntou ela certa vez.

— O que disse?

— Daquele tronco tombado ninguém jamais passou... Você nunca teve vontade de sair?

— Como assim sair, Naia? — a mãe riu.

— Sair. Caminhar na trilha até encontrar...

— Encontrar o quê?

— Exatamente! O quê?!

Naia começou a imaginar coisas que se projetavam além da possibilidade do real. Essa indagação, essa dúvida, essa vontade de ver e imaginar o que havia adiante não a deixou descansar. Teimosia de criança pode ser muito instigante...

A mãe, querendo se livrar do problema, mandou que ela perguntasse ao pai, que também não foi capaz de encontrar a resposta. “Essa menina só pode estar louca. Onde já se viu? Que desejo sem sentido!”, pensou.

Em pouco tempo Naia virou alvo de comentários do Vilarejo, sendo chamada de deslocada. Diante disso, passou a se sentir desse modo: fora de lugar. O feitiço, então, se voltou contra o feitiçeiro, pois antes, quando ultrapassar aquele ponto era uma regra implícita, tudo bem segui-la, mas agora era diferente, tornara-se para ela uma regra imposta, sem nenhuma razão, e essas são as mais inquietantes.

— Pois bem, tomei minha decisão. Vou ultrapassar aquele tronco e ver o que existe depois dele. Desculpem se estou decepcionando vocês, não é minha intenção, mas não posso mais continuar presa aqui, entendem? Deve haver tanta coisa lá fora... Cuidem-se e continuem sendo tão bons quanto são.

O discurso foi até bonito, e os habitantes, um a um, a cumprimentaram, desejando-lhe sorte. A ingênua hostilidade foi substituída por lágrimas de saudade antecipada. Um grupo de animaizinhos se reuniu ao redor dela; alguns esganiçaram um tchauzinho, outros saltaram alegres e animados, e havia os que não estavam nem aí para nada.

Concordo que os pais de Naia, como bons pais que eram, deveriam preocupar-se com os perigos que a filha enfrentaria viajando sozinha...

Mas o fato é que eles nem imaginavam quais perigos existiam, pois no Vilarejo não havia nenhum e também nunca tinham visto nada de fora. Então, não podemos chamá-los de desnaturados por isso.

— Você vai voltar? — perguntou alguém.

— Não sei, provavelmente sim. Se lá fora for muito bom, voltarei para levá-los comigo. Caso contrário, prometo não vir, para não trazer nada de ruim.

— Você é uma jovem bondosa e inteligente — disse o velho baixinho e corcunda. — Não deixe que isso se perca.

Vieram os presentes de despedida. O sapateiro lhe deu dois pares de sapatos: um do tamanho dela e outro tão grande que caberia em um gorila.

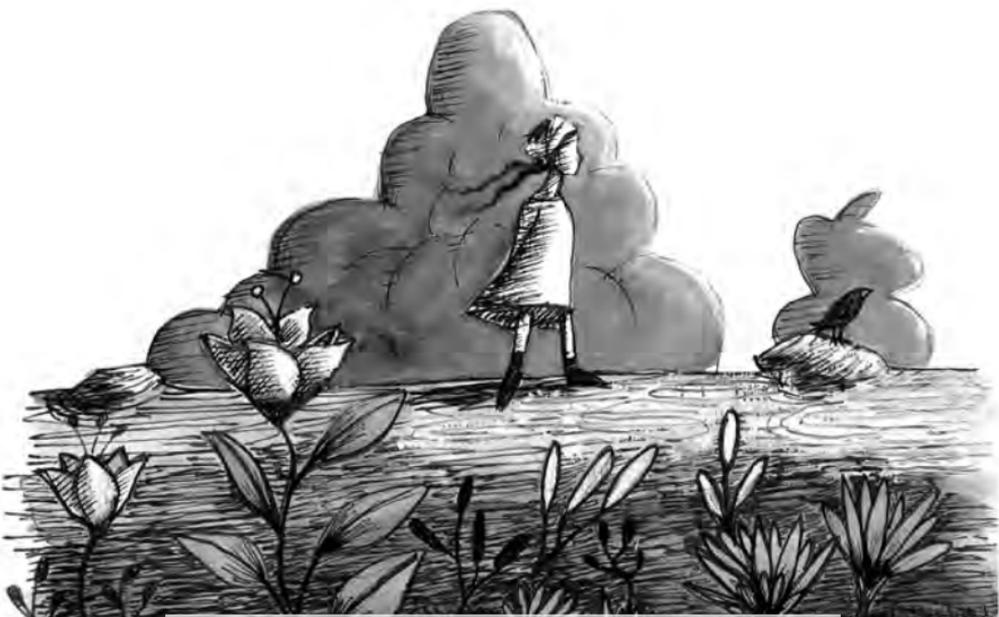
— Para quando seus pés crescerem — explicou ele.

As criancinhas trouxeram-lhe brinquedos; ela achou graça, porque eram os mesmos que tinha dado a elas tempos antes. Seus pais lhe deram uma garrafa d'água, pão, mel e doces.

Naia colocou tudo em uma bolsa e foi descansar um pouco antes da partida. Despertou de madrugada, pois não queria encontrar ninguém na saída — a travessia deveria ser feita por ela, apenas ela. Deixou a singela casinha de madeira

e seguiu pelo povoado escuro, iluminado sutilmente pelos vaga-lumes. No caminho, o silêncio era cortado pelo ruído dos grilos e das gotinhas de orvalho na grama.

Quando por fim chegou à trilha, embora estivesse feliz, não pôde deixar de sentir um frio na barriga. Deixara para trás o Vilarejo, com seus sons, seus cheiros, suas sensações de sonho e tudo o mais e estava prestes a entrar em um local totalmente desconhecido. Quem sabe o que o futuro lhe reservava? Ela não sabia. Aliás, sabia muito pouco sobre qualquer coisa. No entanto, a curiosidade tornava tudo aquilo muito atraente!



— Pois bem, Naia, hora de atravessar! — disse a si mesma, observando o tronco tombado.

Subiu nele sem muita dificuldade, olhou para trás uma última vez e desceu do outro lado.

Aqui a história mais uma vez se transforma.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● A SAÍDA

CERTA VEZ UM POETA DISSE que não há nada mais belo que encontrar uma saída. Às vezes nem se sabe que se está preso, e ainda assim a brecha se abre. O problema é que o lado de fora nunca é o lado de dentro, é sempre outra coisa. Parece óbvio? Não é. Se seu universo está ruim, no outro você pode encontrar algo melhor... ou — e é aí que reside o problema — pior.

Já havia amanhecido e Naia notou um pássaro azul rodear o céu lá no alto. Mal piscava os olhos enquanto trilhava a floresta; não queria perder nada, como se cada mato fosse um espetáculo inédito, como se as respostas a todas as perguntas pudessem de repente saltar da dobra de uma planta qualquer. Mas a verdade é que tudo parecia bem mais sem graça ali, até as cores, mais mortas. Mesmo assim, era novidade. Fora do Vilarajo, qualquer coisa era lucro.

Alcançou um lugar onde a trilha se dividia em várias direções. Quatro plaquinhas talhadas em madeira indicavam “Floresta dos Ankharos”, “Estrada das Camélias”, “Caminho Molhado” e, apontando de volta para a trilha de onde ela viera, “Vilarejo”.

Desorientada, Naia observou as setas. Então, após um tempo ou dois, ruídos de passos entre as folhagens à esquerda chamaram-lhe a atenção.

— Ei, o que você quer aqui? Vá saindo agora mesmo! — disse a voz rabugenta. — Não pode entrar no Vilarejo! Trate de voltar imediatamente ou tome outro caminho! Para o Vilarejo é que você não vai!

— Mas não estou indo para lá... — respondeu Naia, com ar tranquilo.

— Então o quê?

Naia olhou a criatura de cima a baixo. Era o ser mais estranho que já vira na vida. Talvez um roedor de pelos castanhos, mas com forma humana e falando como um deles. Menor que ela, tinha orelhas tão compridas que pareciam duas faixas caídas para trás, estendendo-se sobre o chão, além de pés muito grandes e desproporcionais.

— Não sei, estou escolhendo um caminho. Quem é você?

— O guardião. Sou o responsável por não deixar ninguém entrar no Vilarejo.

— Prazer, senhor Guardião. Meu nome é Naia. Não quero ir para o Vilarejo; na verdade, estou vindo de lá.

— Vindo de lá? Não é possível!

— Posso passar?

— Bem, minha obrigação é não deixar ninguém passar daqui para lá... Mas nunca aconteceu de alguém vir de lá para cá... Não sei, estou confuso... Como pode? Ninguém me deu instruções para uma situação dessas...

— Mas o que você é? É tão diferente...

— Já disse, sou o guardião deste lugar.

— Mas por que guarda a entrada do Vilarejo?

— Porque fui ordenado a fazê-lo, ora!

O ser olhou para os dois lados e, já doido para se livrar do estorvo de perguntas, deliberou:

— Tudo bem, passe e siga seu caminho. Ninguém poderá dizer que deixei de cumprir minha obrigação.

— Muito obrigada, senhor Guardião.

Ela ia prosseguir, mas se deu conta de que os caminhos lhe eram totalmente estranhos. Qualquer decisão tomada seria irresponsável.

— Esses caminhos dão onde? — perguntou ao guardião.

— Nos lugares escritos nas placas, ora!

— Estou perdida... Nunca saí do Vilarejo, não sei para onde ir.

— Bem, você pode ir para Laguna, que é a cidade mais próxima. Seguindo pela Floresta dos Ankharos, chegará mais rápido, mas é um pouco perigoso. O Caminho Molhado é mais longo, e molhado, claro, mas seguro. De qualquer modo, nada é muito perto. Devia ter se preparado melhor para a viagem.

— Quantos metros?

— Ah, não sei, uns quatro mil.

Naia arregalou os olhos. Que distância! O Vilarejo tinha no máximo trezentos metros de diâmetro, compreendendo toda a área que ela já havia visto na vida. Nunca imaginara tal grandeza; passando da casa dos mil, chegava a causar vertigem e suspiros. Mal sabia ela que sua jornada redefiniria suas medidas e lhe traria coisas muito mais grandiosas...

● COISAS GRANDIOSAS

ESCAPEMOS DALI POR um breve instante — agora que os limites do Vilarejo foram vencidos, nada mais nos impede de espiar terras longínquas. E põe longínquas nisso. Para não cansar sua mente, prometo que esta será a única vez que deslocarei a história no tempo e no espaço de maneira tão exagerada. Imagine a maior distância que puder e então o maior lapso de tempo; agora, divida um pelo outro e multiplique pela raiz de nada disso. Estaremos, então, em um lugar que até certo ponto ultrapassa nossa compreensão. Para que estamos aqui? Vou explicar: aquela centelha que nascera no coração de Naia teve uma origem que ela, a princípio, jamais entenderia. Mas como nós somos *vip*, podemos bisbilhotar por aqui. Aí vai:

Dois deuses conversavam em sua morada, um lugar inatingível: o Dia, sempre sensato e constan-

te, e a Noite, indagadora e ambígua. Um representava tudo; o outro, esse mesmo tudo invertido. A existência de um desafiava a existência do outro, assim como a inexistência de um teria como consequência inevitável a inexistência do outro. Discutiam sobre sua onisciência, ou seja, a capacidade de saber tudo. A Noite lançava questões intrigantes e, de certo modo, irritantes sobre o assunto.

— Não ouse questionar nossa onisciência!
— disse o Dia. — Diante de nós está tudo, desde a menor formiga até o grandioso movimento dos astros. Conhecemos a origem e o fim de tudo, vemos coisas que os homens nem sequer imaginariam que pudessem existir, ouvimos os pensamentos de todas as criaturas. Não há mistério para nós, pois tudo aquilo considerado oculto nos é familiar. Todas as coisas estão em perfeita ordem e, por mais complexas que pareçam, são simples à nossa compreensão. Nem uma folha cai sem que saibamos.

— Mas isso não nos garante o atributo de onisciência... — retrucou a Noite. — Estamos sendo tão arrogantes quanto os pequenos homens, que acham que tudo sabem.

— Mas nós realmente sabemos tudo. Ou você acha que há algo que não saibamos? E o que seria?

— Não posso saber algo que não sei, certo? A questão é que não existe ninguém acima de nós para dizer se há algo mais. Pelo menos achamos que não existe.

— Prossiga.

— Não seríamos como aqueles habitantes do Vilarejo? Conhecem tudo o que há ali, mas nem imaginam haver algo além. Para eles, o mundo é aquilo e nada mais. Eu e você compartilhamos os mesmos conhecimentos e não vemos ninguém que saiba mais que nós, por isso nos autoneomamos oniscientes. No entanto, não podemos ver o que não vemos.

O silêncio do Dia era quase uma resposta como “continue, até que faz sentido”.

— Espere, tem mais! — exclamou a Noite. — E se houver um ser mais inteligente, que conhece mais que nós e nos mantém presos nos limites de nossa realidade? E mais curioso ainda: esse ser, mesmo sendo chamado de mestre por alguns, ainda estaria à mercê da mesma dúvida cruel!

— Sim, agora eu vejo...

Depois disso, o Dia e a Noite, seres supremos de toda a criação, completamente conhecedores de todas as questões físicas e metafísicas, concretas e abstratas, lógicas e surreais, funcionais e

filosóficas, os mesmos seres que fundaram aquela existência, os primeiros e os últimos, os seres para os quais não havia mistério... enfim, o Dia e a Noite já não tinham mais certeza de nada.

E foi assim que decidiram vasculhar as fronteiras e plantar uma centelha de curiosidade no coração de uma menina do Vilarejo. Se a centelha crescesse, ela venceria uma barreira e ganharia forças para vencer outra e mais outra... Os deuses não têm medo do eterno, por isso não lhes importa o tempo, apenas que a centelha seja plantada como uma função matemática que recebe uma variável e se resolve sozinha...

Enfim, essa é só uma possível explicação para o início desta história.

Contudo, feliz ou infelizmente, há outras seiscentas. Só que essa, entre todas, é a mais grandiosa. Fiquemos com ela.

● A TRILHA

VOLTEMOS AGORA À CAMINHADA, pois é deselegante deixarmos Naia vagar sozinha. Ela andou por cerca de uma hora na floresta, pelo caminho sinuoso que passava por debaixo de uma pedra tombada e seguia estreito na face de um penhasco.

— Muito cuidado para não escorregar! — avisou lá do alto uma lagartixa grudada em uma pedra úmida.

Depois, Naia atravessou uma ponte sobre um riacho e deparou com outras duas placas de madeira, uma apontando para o “Caminho Molhado”, em frente, e a outra para a “Toca da Onça”, à direita. Diante do grande xis marcado na da direita, a menina resolveu continuar na direção em que estava. Avançou e deu de cara com um tronco oco. Teve de engatinhar dentro dele para atravessá-lo e então saltou de pedra em pedra sobre um laguinho. Encontrou outra bifurcação; dessa vez,

uma placa à esquerda dizia: “Nascente Triangular”. Dali podia escutar um gostoso barulho de água jorrando, porém preferiu não desviar do caminho. Subiu uma escada em espiral ao redor de uma árvore enorme, seguiu por pontes suspensas sobre os galhos, desceu escorregando por uma pedra, entrou em uma gruta e saiu na continuação da trilha, do outro lado.

— Com licença, vocês podem me dar uma informação? — pediu ela a três gafanhotos que passaram por ela voando, tão rápido que não deu tempo para responderem.

— Eu posso — disse uma coruja marrom, abrigada no buraco escuro de um tronco oco. — Vai me perguntar onde fica o Caminho Molhado, certo?

— Sim...

A ave estendeu uma asa.

— É por ali. Mas recomendo visitar os Jardins Sagrados antes. Lá você encontrará alguém que precisa conhecer.

● OS JARDINS SAGRADOS

DEPOIS DE MUITO ANDAR, Naia finalmente deparou com a placa “Jardins Sagrados”. Entrou no local com certo receio, esticando o pescoço entre os arbustos floridos, à espreita de alguém. Deu passos lentos pelo chão de cascalho e se assustou com um ruído, que logo percebeu ser de peixinhos saltando em um espelho d’água. Mais à frente, pensou ver uma multidão, que na verdade eram esculturas de mármore antiquíssimas. Elas lhe causaram uma estranha sensação de “isto não é deste mundo”, ou talvez de “isto é tão velho que nem se podem contar os anos”, ou até mesmo de “não sei o que são estas coisas, mas elas parecem importantes, melhor não bisbilhotar”.

Um pouco adiante, encontrou um pequeno pomar em cujo centro destacava-se uma grande árvore. Suas raízes eram grossas e desgastadas; seu tronco, cheio de marcas do tempo; e seus fru-

tos, de cor azul-celeste. De repente, ela se moveu e Naia se assustou.

— Bom dia! — cumprimentou a árvore.

— Olá... — respondeu a menina, insegura, pois, apesar de alguns animais falarem, uma planta com esse dom ela ainda não tinha visto.

— O que uma pequena como você faz por esses lados?

— Estou de passagem, mas não sei pra onde...

— Imaginei que responderia isso. — Sua voz era pesada e rouca, mas amigável, e seu rosto, muito envelhecido. — O tempo trará as respostas, se é que elas são necessárias.

— Quem é você?

— Sou o oráculo. Não esperava por isso, não é mesmo? Uma árvore-oráculo! Estou velha, admito, e aquela coruja invejosa não vê a hora de tomar meu lugar! Mas ainda me resta um bom tempo de vida útil... — E gargalhou, movendo os ramos majestosos, derrubando folhas e fazendo o chão tremer. — Veja bem, minha filha, se o que busca é conhecimento, começou bem em me procurar. Acredito que deva estar aqui por algum motivo. Se não sabe, juntas tentaremos descobri-lo. No entanto, devo avisar: há mistérios indecifráveis até para uma grande mãe

árvore. Mesmo assim, repito: começou bem em me procurar.

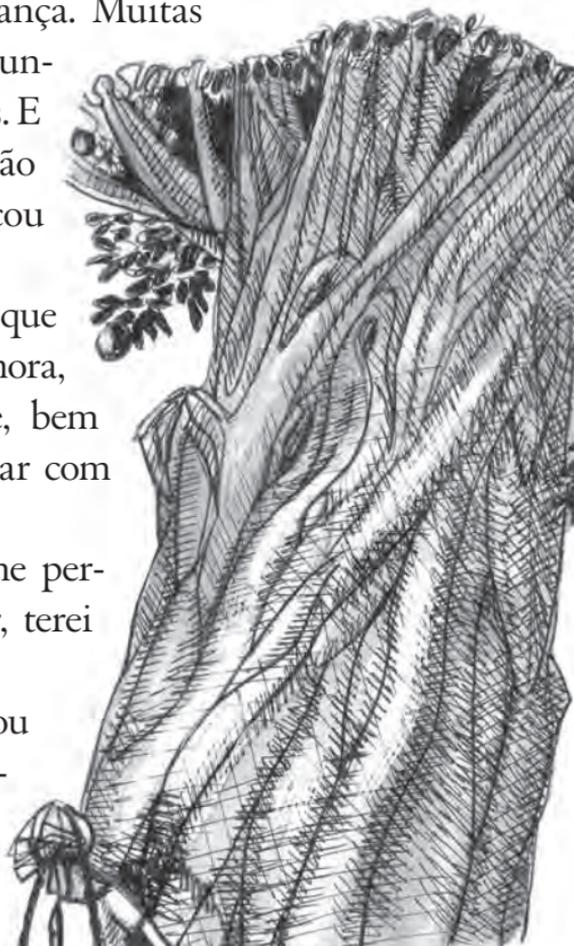
— Isso quer dizer que eu nunca saberei o bastante e minha busca será improdutiva? — retrucou Naia, indiscreta, inconscientemente desdenhando os conhecimentos que lhe oferecia o ser talvez mais sábio da Terra.

— Não se trata de saber mais ou menos que ninguém, jovem criança. Muitas buscas são por perguntas, não por respostas. E por acaso essa frase não é minha... — Ameaçou gargalhar de novo.

— Mas há coisas que preciso saber. A senhora, Grande Mãe Árvore, bem que poderia me ajudar com algumas delas...

— Tudo o que me perguntar, se eu souber, terei prazer em responder.

Então Naia lançou uma garoa de perguntas já imortalizadas na filosofia:



— O que é este mundo? Quando foi seu princípio e quando será seu fim? Onde ele começa e onde termina? Por que ninguém sai do Vilarejo? Quem somos nós e por que estamos aqui? Quem sou eu?

No fim, a garoa já virara chuva, tempestade, tormenta...

— Calma, menina! — disse a voz velha e imponente. — Essas perguntas foram feitas por centenas de pessoas antes de você. Eu digo o seguinte: não sei, não sei e não sei! — E soltou uma risada lenta e assustadora. — Mas muito se diz sobre isso tudo. Esta terra é muito antiga, muito mais que eu. Já passaram por ela reis, guerras, histórias magníficas; pessoas que erraram, aprenderam, mudaram a história ou não mudaram nada. Tenho certeza de que há um motivo para nossa existência, mas talvez não seja a hora de sabermos isso. A graça das coisas é aprender um pouco aqui e um pouco ali, fazer pequenas grandes descobertas, uma por vez.

— Ainda não compreendo...

— Algumas pessoas vivem para ajudar seus semelhantes; outras, para atormentar; outras, ainda, para acumular poder, para construir ou destruir, quem sabe. Algumas perguntas justas para

começarmos são: quem é você, menina? Qual é seu objetivo? O movimento nos mantém vivos, o perigo nos faz sentir mais vivos ainda. Responda-me uma coisa: você busca a felicidade?

— Acho que sim... Mas nas histórias que li a busca da felicidade está relacionada ao caminho de volta para casa, ao amor verdadeiro, à liberdade ou à derrota de um vilão...

— Nenhuma dessas buscas é para você, por enquanto. Por ora, sua felicidade está relacionada aos movimentos, tanto altos como baixos. Uma vez, quando eu era uma jovem mudinha em um tempo no qual quase todas as plantas falavam, ouvi de minha sábia e velha mãe que as coisas só existem depois que seu oposto se criou. Primeiro o nada, depois duas coisas: o bem e o mal, a felicidade e a tristeza, a mentira e a verdade. Pelo menos é assim que nós compreendemos; talvez haja questionamentos sobre isso, mas esse é um saber que você deverá alcançar sozinha, fazendo a própria jornada... Enfim, digo isso porque não se aprende nada sem vencer desafios. Em vidas desse tipo, o verbo “ser” torna-se intransitivo. Viver pressupõe riscos...

— A senhora me confunde mais que ajuda.

— Faz parte.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● UM PUNHADO DE CONSELHOS

BOM, VAMOS FAZER UMA pequena pausa para descansar e, quem sabe, fazer um lanchinho. Você, coitado, só lancha o que tiver à mão; eu não, pois vivo em um lugar em que basta querer. Não eu querer, o que é uma pena, então só me resta ficar imaginando a comida até aquele que está imediatamente acima de mim resolver materializá-la, já que sua imaginação é minha realidade, bem como minha imaginação é a realidade dos que estão um grau abaixo de mim. Tudo bem, esqueçamos o lanche. E admito: faremos essa pausa com a finalidade exclusiva de cortar o capítulo ao meio; seria muito desproporcional se ele ficasse bem maior que os anteriores. Essa mania de organização até que é boa.

Enfim, retomando a história, a velha árvore se esticou um pouco, rangendo os galhos velhos. Espreguiçou-se, piscando os olhos cansados, e sentenciou:

— Este mundo em breve entrará em guerra, menina. Ninguém vê isso, nem sequer leva a sério os conselhos de uma velha árvore. Muito menos o rei, tão ocupado que está comendo e bebendo em seu castelo, comemorando suas riquezas, cultuando o próprio ego. Mas, na fronteira do reino, existe uma montanha enorme e, em suas profundezas, criaturas terríveis despertam. É claro que os opostos existem, embora os espíritos de bondade estejam mais adormecidos que nunca...

Naia ergueu a sobancelha, desconfiada. Seria uma indireta-direta para que ela tomasse esse problema como sua responsabilidade? Se fosse, que chatice... Era assim que ela via as histórias de seus livros, com conflitos e fins claros. No entanto, justamente agora, quando começava a gostar da ideia de uma viagem ao sabor do acaso, em busca de conhecimento, ou da falta dele, de repente tudo se encaixava nos irritantes paradigmas de sempre. Bem, a vida é assim mesmo...

— O que devo fazer? — rendeu-se ela.

— Nada de mais. Vá à Capital e avise o rei sobre o problema; será uma experiência simples e gratificante. Devo adverti-la, contudo: o rei provavelmente não vai acreditar em você, porque assim é mais cômodo. Afinal, guerras e preocupações

dão trabalho. Entretanto, você deverá insistir nisso. Seu destino se cumprirá parcialmente por lá, e então você verá as veredas mais nítidas. Oh, menina, você ainda verá coisas fabulosas nessa viagem! Mais uma coisa: eu sou o oráculo, porém existem seres mais sábios que eu; sempre existem. Comece então a buscar por um homem chamado Grande Sábio. Ninguém tem notícias dele há tempos, mas, se conseguir achá-lo, ele certamente sanará algumas de suas dúvidas.

— Como assim ninguém tem notícias dele?

— Pois é... Deve ser um homem muito velho agora. Depois dos lendários eventos que fecharam a última era, ele desapareceu. Alguns dizem que vive em um castelo ao norte; outros, que mora em um chalé ao sul; e outros, ainda, que habita as margens de um rio a leste. Eu não digo nada, nem posso.

— Ele é mais sábio que a senhora, Grande Mãe Árvore?

— Ah, sim! Estou aqui há muito tempo, vendo tudo, mas não tenho pernas para sair por aí, bisbilhotando. Ganho no tempo, mas conheço o mundo apenas pelo que me contam. Não tenho também essa estranha teimosia que vocês têm. Eu me lembro do Grande Sábio criança,

quando veio até mim com todas essas questões que você me traz agora; era muito parecido com você... Na época, eu o mandei para o leste acompanhar os navegadores que singravam os mares em direção ao desconhecido. Quando ele voltou, veio com inúmeras histórias sobre limites, terras novas, ilhas, seres jamais vistos, coisas de que eu não fazia ideia!

Os olhos de Naia cintilavam de excitação.

— Se eu alcançar coisas tão incríveis como essas, prometo que voltarei para lhe contar! — exclamou.

A velha árvore tossiu grave.

— É possível que, quando esse dia chegar, em meu lugar esteja a velha coruja. — A fenda no tronco, que seria sua boca, sorriu. — Mas não deixe de contar a ela. Sinto que seu futuro será brilhante. Só lhe resta correr atrás do que quer.

— A verdade é que falamos, falamos, e no fim das contas eu mesma não sei bem o que quero.

— Já é uma primeira questão, mas a essa eu não posso responder por você. Agora aceite este presente.

Baixou um de seus ramos, oferecendo a Naia um dos luminosos frutos azul-celeste. A menina, fitando o tronco como se pedisse permissão, o co-

lheu e comeu. Era gostoso, diferente de tudo o que já provara.

— Esse fruto iluminará um pouco sua mente. É uma dádiva rara. Além disso, guarde com muito cuidado as três sementes de dentro dele: são mágicas e sem dúvida lhe serão úteis em sua jornada.

— Obrigada — agradeceu Naia em um tom formal, mas louca para dizer: “Só um?”.

Parte dela queria ficar ali, com aquela grande mãe, que a tudo entendia e protegia, mas até mesmo a proteção materna chega a um ponto em que se torna uma prisão — melhor libertar-se que se acomodar. Levaria muito tempo até descobrir estar errada quanto a isso: cedo ou tarde, depois de uma longa jornada, não há desejo maior que reencontrar aqueles que mais amamos.

Despediu-se então daquele ser majestoso e partiu. Os pensamentos enchiam-se e esvaziavam-se. Na verdade, mais se esvaziavam que se enchiam, a ponto de sua cabeça parecer completamente oca. Às vezes é assim mesmo: nós nos esforçamos um pouco, depois largamos mão e relaxamos. Nada de anormal nisso; agora é mesmo hora de relaxar.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● O CAMINHO MOLHADO

NAIA ESTAVA UM POUCO aborrecida de ter de ir até aquele bendito rei. O aborrecimento, porém, veio com um quê de alívio — a missão que a árvore lhe incumbira parecia dar a sua jornada algum sentido, mesmo que vago ou quase nulo; além disso, se alguém lhe perguntasse para onde estava indo, pelo menos ela teria algo a dizer.

Claro que, quando finalmente alguém perguntou a ela, a modéstia a impediu de contar tão importante objetivo.

— Estou só passeando — respondeu ela ao sapo que indagara.

— Vai passear no Caminho Molhado?! — insistiu ele, com sua vozinha fina. — Há tantos lugares mais bonitos para ir...

“Bonitos e secos”, pensou Naia.

— É que eu tenho que passar por lá...

— Acho muito difícil que você consiga an-

dar por lá. O Caminho Molhado é onde moram os sapos.

— Ah, é? Sapinhos como você?

— Mais ou menos como eu.

— Então qual é o problema?

— Bom... Os que são menos não causam problema. Já os que são mais...

Os daquele lugar eram realmente mais. Não só os sapos, mas tudo. O Caminho Molhado era, na realidade, um pântano gigantesco, com árvores de mais de cinquenta metros de altura, muita água, muita lama, mais lodo que água e lama. Moravam tantos sapos ali que, se resolvessem armar uma revolução, dominariam o mundo — pelo menos foi o que Naia pensou. A propósito, ela ficou tentada a lhes perguntar se não poderiam enfrentar as criaturas terríveis da montanha no lugar dela, mas desistiu ao ver como eram lerdos.

— Com licença, qual o caminho mais rápido pra Laguna?

— É só você ir pra Laguna... — respondeu um sonolento sapão.

Ela não conseguiria ultrapassar o pântano por conta própria, nem se quisesse. Estava no limite da trilha dos bosques, que terminava em uma pedra alta, de onde se via, lá embaixo, a imensidão

gosmenta de águas verde-musgo. Próximo às gigantescas árvores que havia por lá, notou centenas de papos inflando como bombas para depois voltar ao estado normal. Que susto! Parecia um painel de estrelas, piscando loucamente. Percebeu que de vez em nunca um sapo saltava de uma vitória-régia para outra.

Começou a pensar alto, ou a falar sozinha, ou as duas coisas, se é que são diferentes: “Meu salto não dá pra nada, vou cair lá embaixo”, ou “Este lugar é tão grande que eu demoraria dias para atravessá-lo pelas raízes das árvores”, ou então “Já estou toda suja, mas isso é o de menos”, ou até mesmo “Blá-blá-blá...”.

O sapão, ao lado dela, olhava para o nada com os olhos semicerrados, às vezes piscando, tão indiferente a tudo que parecia até simpático.

— Como você faz pra chegar ao outro lado do pântano?

— Pulando que nem sapo.

— Ah, eu vi. Pode me levar?

O sapo não respondeu, nem ao menos mudou a expressão chocha e meio mortinha; somente fechou e abriu os olhos, o que pode ter sido um piscar normal, só que tão, tão lento que não é possível saber...

Foi nesse momento de vazia reflexão que uma voz misteriosa, talvez da intuição, sussurrou no ouvido de Naia:

— Oferece comida pra ele.

— Você gosta de mel? — perguntou ela, usando os dedos para tirar um pouco do pote que trazia consigo.

— Gosto.

— É todo seu se me levar para o outro lado do pântano.

De súbito, a enorme língua lambeu a mão de Naia e quase a derrubou.

Enquanto limpava os dedos cheios de baba no vestido, ela pensava em como prosseguir. E o sapo parádão, nem aí para nada. Então ela teve a ideia: deu a volta e subiu na corcunda dele. Foi difícil e... pegajoso. Daquele jeito, na primeira curva brusca, ela seria lançada para longe. No entanto, foi sem medo.

— Estou pronta. Três, dois, um... Já! Eu disse já! Já, já, já! Pula, sapo, pula!

— É pra eu ir?

— Tá brincando? Eu já estou com medo, e, quando finalmente junto coragem, você fica demorando pra...

... saltar. E finalmente o sapo saltou. Que salto!

De uma só vez, quase voando, os dois foram parar em um galho de árvore lá longe...

— Pronto, pode descer — anunciou o sapão.

— Mas o combinado era me levar até o outro lado do pântano! — protestou a menina, ainda ofegante.

— O pântano é circular, não tem lados. E, além do mais, estou cansado... — retrucou ele e saltou para dentro da lagoa.

Embora com raiva, Naia não o acusava de desonesto; é mais provável que fosse bobão de verdade. De todo modo, ela estava em uma enrascada: fora deixada no meio do pântano, no alto de um galho gigantesco, sem ter para onde ir.

Pacientemente, andou até o sapo mais próximo, que dormia em um ramo. Cutucou, cutucou, beliscou, beliscou, e nada. Deu um longo suspiro. O sapo então abriu uma pálpebra, olhou para ela e logo voltou a fechar.

— Ah, sapos chatos! Se ao menos ouvissem minha proposta de comida...

O sapo abriu os olhos, interessado, mas ainda meio atordoado. Naia explicou o que queria, ofereceu-lhe pedaços de pão e subiu em suas costas. Mais um salto incrível! Lá embaixo, agora já no meio do pântano, alguns sapinhos saltavam em

fila, e o ruído deles batendo na água era quase uma música: *Ploft! Ploft! Plift!*

Quando alcançaram as raízes de outra árvore, Naia desceu das costas do sapo, que logo foi embora, como o anterior. Eles pareciam se esquecer do trato completo, mas ela era sábia o bastante para não se irritar — ou, quem sabe, tola demais, pois muitas vezes os sonsos se fazem de burros quando lhes convém.

Dirigiu-se, então, a um sapo um pouco menor, à beira d'água, e propôs o mesmo acordo, só que agora ela não tinha mais comida para dar, apenas as sementes mágicas, o que estava fora de questão. Pagaria depois, pensou; quem sabe ele não se esqueceria?

— Então, sapinho, vejo que é um pouco menor que os outros, mas deve conseguir me carregar também. Que tal um pouco de comi...da?

O chão mexeu, ou melhor, aquilo que parecia ser chão. As raízes sobre as quais estavam eram, na realidade, um sapo gigante meio afundado, que, como os demais, despertou ao ouvir a palavra “comida”. Sua voz era grave e poderosa, porém o que dizia era incompreensível. Uma pena!

— Vou te dar comida e você me leva até o outro lado, está bem? — perguntou Naia, pensando

que, como aquele sapo era maior, o trajeto também seria. — Abra o bocão!

Ele obedeceu e ela, pegando a primeira coisa que achou — os grandes sapatos que ganhara de presente no Vilarejo —, debruçou-se e os lançou goela do sapo adentro. Eram objetos pequenos se comparados com aquele corpo enorme do animal, mas, de qualquer modo, ele gostou. E devagar foi nadando, como um barco, ou como um grande chão vivo, até a margem do pântano, onde se iniciava uma trilha que subia em direção a uma colina.

— Muito obrigada, sapo monstro.

E o sapão, abrindo a boca em um grito (ou em um arrote, vai saber...), fez o que pareceu ser uma despedida solene.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● VASCULHANDO

A TRILHA SUBIA A COLINA, com pedaços de troncos úmidos presos ao barranco de terra, formando uma espécie de escada. Lá de cima, Naia espiou para trás e seus olhos desceram sobre o pântano colossal. Seria difícil voltar, caso quisesse — algo muito improvável naquelas circunstâncias, já que diante dela estava uma floresta um pouco mais viva e luminosa e, sem dúvida, mais atraente que a anterior. Talvez fosse perigosa, como alguém alertara, mas dera sorte até então.

Em dado ponto, chegou a uma bifurcação, onde havia duas placas: “Laguna”, à direita, e “Vale Emaranhado”, em frente. Contenta por estar no caminho correto, Naia seguiu... em frente?!

— Vá em frente — sussurrou-lhe a voz da intuição, a mesma que a aconselhara a oferecer comida para os sapos na entrada do pântano.

Não, não! Ela deveria ir à direita, em direção a Laguna! Não estou entendendo nada; se você estiver, explique-me, por favor. O caminho que Naia está tomando é o errado! Como pode o próprio narrador de uma história ser contrariado?!

Bem, de qualquer maneira, eu, por consideração a você, que nos acompanhou até agora, me sinto na obrigação de seguir essa menina ingrata, que me substituiu pela primeira voz intuitiva que chegou a seus ouvidos. Estamos, se não me engano, entrando em uma área completamente misteriosa, “fora do programa”.

Isso me faz pensar em como é estranho o universo de uma história, pois a impressão que agora fica é que tudo existe por conta própria, independentemente de alguém que a conte e alguém que a escute. De outro modo, se analisarmos com cuidado, quem sabe o caminho à frente não se cria a partir de nossa atenção, assim como aquilo que deixamos para trás se desmaterializa conforme avançamos? Eis mais uma coisa que nunca descobriremos, porque, quando olhamos para trás, tudo está ali, intacto. E não poderia ser de outro jeito; afinal, nossa atenção se voltou para lá e, caso tudo tivesse se desfeito, teria se refeito a partir de nosso olhar. Impossível observar algo

fora de nosso campo de visão, pois, ao fazê-lo, já o estamos incorporando a ele...

Fazendo ou desfazendo, Naia queria explorar tudo. A trilha às vezes se dividia ou era cortada por outras. Nesses trechos, ela precisava escolher, e escolhia ir por onde lhe parecia mais legal. Possuía naturalmente esse desejo de vasculhar, de maneira que memorizava o caminho que achava ser o certo, enveredava por uma trilha menos importante ou mais longa só para ver o que existia lá e logo voltava. Às vezes, pegava uma via sem saída; outras, dava voltas e retornava a outro caminho já conhecido. Formavam-se labirintos divertidos. Importa dizer que ela não queria ir embora antes de ter visto tudo. Nessas idas e vindas, encontrou um casebre havia tempos abandonado, cheio de pó e teias de aranha, largado às perguntas sem resposta. Deparou também com um belo baú dourado preso ao chão e trancado a chave.

Os caminhos que mais lhe atiçavam a curiosidade, porém, eram aqueles impossíveis de alcançar, como uma gruta na face de uma pedra alta ou um túnel submerso no fundo de um laguinho. Claro que essas passagens dariam em algum lugar, talvez com tesouros, segredos ou até coisas mágicas e ocultas. Quem sabe fossem rotas

para cidades ou florestas como essa, mas diferentes, claro. Se ela pudesse ir até lá e descobrir os segredos, seria maravilhoso. No entanto, é provável que, se o caminho estivesse desimpedido desde o começo, não houvesse graça alguma. Por que ser do contra é tão interessante?



De volta à estrada principal rumo à Laguna, Naia ouviu mais uma vez a intrometida voz da intuição:

— Use logo uma das sementes mágicas!

Que estranho! Não era a voz da intuição, mas de irritação, e parecia brincar com ela. Meteu a mão na bolsa e vasculhou tudo até deparar com um sapinho, o mesmo que encontrara na entrada do pântano e que, de modo perspicaz, tinha se escondido ali.

— Ah, então é você!

— Parece que me descobriu — disse ele. — Demorou um pouco, não acha?

— Ora, veja só! Que sapinho abusado, zoando comigo...

— Estou zoando você desde o início — corrigiu ele, irônico. — Mas calma! Não me jogue no mato! Sou um bom conselheiro!

— Por quê? — Naia o pegou na palma da mão.

— Ah, posso ser um dos menores sapos que já viu, mas também o mais esperto. Você parecia uma menina esperta e...

— Eu não vou beijar você!

— Ah... — murmurou o sapo, decepcionado.
— É mais esperta do que pensei. Vi as sementes na sua bolsa e fiquei louco pra saber como elas funcionam.

— Nem vem! Não vou gastar nenhuma delas agora, só quando for realmente preciso!

— Mas você está precisando agora, tá suja e gosmenta!

— Olha quem fala!

— Pense comigo: você não sabe como a semente mágica funciona, então quando precisar dela de fato poderá ter uma surpresa ou, pior, uma decepção. Acho que vale a pena gastar uma agora para ver se dá certo, aí quando for usar a segunda não correrá nenhum risco.

— Ora, veja só! Não vou gastar uma das preciosas sementes mágicas apenas pra matar sua curiosidade. E não adianta usar sua lábia pra me deixar curiosa também.

Voltaram a andar. Depois de cinco minutos, Naia parou, refém da lábia da própria cabeça,



e cedeu à tentação. A semente “sem querer” caiu no chão fofo, brilhou um pouco, rompeu-se, criou raízes, virou um broto, uma muda, um pezinho, cresceu, brotaram galhos, ramos e folhas claras, mais chamativas que qualquer outra da floresta.

No robusto tronco, havia uma porta e, nela, uma inscrição: “Aqui tem tudo de que precisa alguém”. Naia girou a maçaneta e entrou. Magicamente, a árvore era maior por dentro que por fora. Deparam com uma sala ampla com cama confortável, uma mesa com pães, bolos e água e, em um cômodo à parte, uma banheira aquecida com toalhas limpas. O sapo ficou comendo enquanto Naia tomava banho, depois foi a vez de ela se banquetear (e de ele não se banhar). Em um armário ao lado, havia alguns enfeites e, nas gavetas, um mapa e uma chave.

— Vamos embora.

— Como assim? — protestou o sapo, saltando

em direção ao ombro de Naia. — Não vai dormir nessa cama quente?

— Não. Já me limpei e comemos, está bem assim. Olhe o mapa: Laguna não é longe. Além disso, esta chave deve ser de um baú que encontrei há pouco, em uma das trilhas que explorei. Quero ir lá checar.

Saíram da árvore, que instantaneamente encolheu e rejuvenesceu em um efeito reverso até tornar-se uma semente opaca. Naia a deixou ali, no chão, e seguiu por uma trilha à esquerda, depois à direita, à esquerda... Não, não é aqui, é melhor voltar um pouco e tentar de novo. Agora, sim, direita outra vez e...

— Chegamos! É aqui onde está o baú dourado trancado a chave!

Animada, ajoelhou-se, enfiou a chave na fechadura e, *crack*, baú destrancado. Seu interior era revestido de veludo e nele havia um bom punhado de moedas de ouro, que Naia juntou na bolsa, toda contente. Ela não sabia quanto valia aquilo, mas o que importava? Tesouro achado é tesouro ganho, mesmo que seja um par de meias velhas...

— Pronto, agora podemos ir pra Laguna.

— Ufa, até que enfim, estou louco pra ver os ankharos!

— Quem?

— Ankharos, seres com orelhas compridas e pés grandes. Muito simpáticos, por sinal, apesar de gostarem de cantar umas canções meio idiotas. Laguna é a cidade deles.

Como palavra puxa lembrança, Naia lembrou-se do guardião do Vilarejo e logo soube do que se tratava. Imediatamente declarou-se perita nessa espécie, cujo nome ela mal conseguia pronunciar. Quer dizer que Laguna era habitada por esses seres? Hum, interessante... Quem sabe eles não fossem hospitaleiros em troca de um sorriso, de uma boa companhia e, se necessário, de umas dez moedas de ouro?

● LAGUNA

DIZEM QUE LAGUNA É uma bela cidade. O dinheiro de Naia, contudo, foi suficiente apenas para ela e o sapo se hospedarem. Vamos ter de esperar do lado de fora. Tomara que eles não se demorem.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● UM CAPÍTULO QUALQUER

ANTES DE COMEÇAR ESTE CAPÍTULO, já aviso que ele é completamente inútil. Portanto, se não quiser perder tempo, sinta-se à vontade para pulá-lo e ir direto ao próximo. Logo, logo nos encontraremos de novo.

Quando Naia deixou a cidade, uma multidão de ankharos acenou e cantou, despedindo-se da nova amiga. Um deles, no meio do burburinho, gritou bem alto:

— Tome cuidado com a feiticeira! Não se esqueça disso!

O sapo estava duas vezes mais gordo e quatro vezes mais feliz.

— Vai ficar por aqui ou continuar comigo? — perguntou ela.

— Não sei. Gostei tanto de Laguna...

— Olha, você invadiu minha bolsa e se intro-

meteu na minha aventura, mas admito que gosto da sua companhia. Acho que somos amigos. Venha comigo... Será divertido.

— Mesmo?

— Quer que eu te convença?

— Faça o seu melhor.

Naia riu.

— Sabe, eu estava pensando em algumas coisas. Já reparou nas pessoas desta cidade? Em todo lugar que passo apontam para mim, como querendo dizer: “Olha a menina do Vilarejo! Tadinha, ficou presa tanto tempo naquele lugar, sem conhecer nada aqui de fora...”. Mas será que elas não estão tão presas quanto eu estive lá, ou você, naquele pântano? Por exemplo, poucas pessoas saíram deste país, e, quando eu for embora, elas poderão falar: “Olha a menina daquele país! Nunca viu nada das coisas maravilhosas que temos aqui fora”. E, se algum dia eu viajar além dos limites deste mundo, as pessoas (se é que haverá alguma por lá) dirão: “Olha a menina do mundo!”, e assim continuamente, talvez pra sempre, já que nunca vamos saber se existem mais esferas a ser ultrapassadas.

— Tá, mas e daí?

— Está decidido — disse Naia. — Vamos en-

contrar a Capital, dar o recado ao rei e depois procurar o Grande Sábio. Mas o que eu quero mesmo... é encontrar o Fim do Mundo.

— O Fim do Mundo?!

— Isso mesmo! Se o Vilarejo tinha um tronco tombado como limite, o mundo deve ter também.

— Assim não chegaremos a lugar algum...

— Mas prometo que vamos conhecer lugares bem legais no caminho.

Esse argumento encheu os olhos do amiguinho pegajoso, diferentemente do primeiro, que ele não entendera bem, nem tivera paciência de ouvir até a última palavra. O que importa é que ambos concordaram.

Imagino que você esteja confuso, porque até eu, que conto a história, estou: são vários objetivos, alguns importantes, outros nem tanto. Alguns serão cumpridos, outros esquecidos. Os objetivos se somam, se transformam, brigam entre si, se multiplicam. Naia, porém, sabia que no fim do caminho estaria o Fim do Mundo, e isso bastava. Agora que tinha se decidido, sentiu vontade de voltar e dizer à Grande Mãe Árvore que finalmente havia encontrado o motivo de sua viagem. Nem muito cedo, nem muito tarde — em um terço da história, talvez? Mas, só de pensar em atravessar

mais uma vez o Caminho Molhado em direção aos Jardins Sagrados, ela já se sentia exausta — e molhada. Melhor continuar em frente.

● ARITNEM

UAU! VOCÊ AINDA ESTÁ AQUI? Fico surpreso ao ver que sobreviveu ao capítulo anterior: dois personagens discutindo e planejando, nada mais chato. Isso foi um verdadeiro teste de resistência. Afinal, quem aguenta algo assim certamente terá ânimo para as coisas incríveis que ainda virão (ou deveriam vir, ninguém sabe). A não ser que você tenha sido esperto e seguido meu conselho de pular aquele capítulo... Bem, o que importa é que estamos aqui. Costuma-se dizer que, para enxergar as coisas mais belas, é necessário um esforço fatigante, mesmo que elas estejam diante de nosso nariz. Aquilo que é facilmente apreendido costuma não ter muito valor. Vamos torcer para que aqueles que não merecem desistam logo e fechem este livro. Raros são os que, como Naia, insistem tanto na leitura que o livro é quem desiste: ele fecha o leitor e vai dormir. Então, se você ainda está aqui,

a história vive e pulsa. E, para nossa alegria, chega de chatices.

— Cuidado, menina! — alertou um tatu. — Esta floresta é perigosa!

Naia entrava, enfim, na Floresta de Eucaliptos.

— Vá embora! Este lugar não é bom! — disseram cinco joaninhas em coro.

— Estou procurando o Fim do Mundo, mas preciso passar pela Capital antes. Tem outro caminho possível para ir até lá? — perguntou ela.

— Qualquer caminho é melhor que este — respondeu um caramujo, com voz lenta e grave.

— Vamos embora daqui, Naia! — suplicou o sapo, assustado. — Algumas, quer dizer, muitas coisas me dizem que algo está errado!

Naia, que, além da virtude da curiosidade, tinha a maldição da insistência, não deu atenção e seguiu pela floresta. Havia, porém, algo que ela não sabia explicar. Estava acontecendo, na verdade, uma espécie de fenômeno de transição, talvez uma conturbação no aspecto do mundo. Um derretimento? Um encantamento? Pois tudo lhe parecia mais bonito. Os eucaliptos ficaram assustadoramente formidáveis ao final do processo. Contudo, o caminho a gente não escolhe nem

cria; ao contrário, ele se apresenta. Ou somos nós que nos apresentamos a ele?

Dessa forma seguia Naia em direção a um episódio da viagem ao qual, diferentemente do anterior, recomendo toda a atenção.

A quinze metros de onde estava, ela avistou uma árvore acorrentada. “Muito estranho...”, pensou. Deu uma corridinha até lá e examinou as duas camadas de corrente no tronco, rodeando-o. Foi então que deparou com uma jovem princesa adormecida, deitada entre as raízes.

Ela usava um belo vestido, apesar de um pouco desleixado, e tinha o cabelo impecável — mesmo acorrentada em uma árvore no meio do nada havia sabe-se lá quanto tempo, descuidar do cabelo seria um crime. Como era bonita! Naia queria ser como ela quando crescesse. Pensando bem... era como ela. Sim, as duas se pareciam muito; apenas alguns poucos anos as diferenciavam.

A moça se mexeu, beirando o despertar, porém logo se acomodou de novo entre as raízes. As correntes prendiam suas mãos separadas e depois se enroscavam no tronco. Naia não queria perturbá-la, mas seria bom ter uma amiga para

conversar. Com delicadeza, cutucou duas vezes o ombro da princesa.

— Ei! Psiu!

Os olhos sonolentos foram se abrindo.

— Naia... Naia? É você, minha irmã?

Saltou para abraçá-la, no entanto as correntes a impediram.

— Naia, minha querida irmã, eu não acredito! Eu não... — A jovem não encontrava palavras.

Estava em um êxtase que misturava surpresa, felicidade, desespero e uma pitada de choro. Uma mescla de emoções exageradas, que fazem com que, no final das contas, não se sinta o gosto de nenhum dos ingredientes.

— Calma, calma... — pediu Naia. — O que está acontecendo? Você me conhece?!

— Claro! Sou sua irmã mais velha, Aian! Não acredito que este momento chegou... Finalmente você está aqui, em Aritnem!

— Aian? — Naia nunca tinha ouvido esse nome.

— Sim, você precisa acreditar em mim! Não temos tempo. Rápido!

— Calma! Respira... E agora me explica direitinho o que está acontecendo, por favor.

Aian foi falando do jeito que deu. Ofegava, o

coração acelerado, as palavras indo mais rápido que a própria sintaxe das frases.

— É tudo mentira deles, Naia! Por favor, me liberte! Somos princesas do reino de Ojeraliv, um lugar maravilhoso, muito diferente de tudo o que possa imaginar! Temos poder, possuímos muitas riquezas e vivemos felizes na família mais maravilhosa de todas! Aqui não é seu lugar. É tudo uma mentira!

— Como assim?

— Tentaram apagar nossas memórias, mas, como os feitiços não eram suficientes para nós duas, apenas suas lembranças foram apagadas; as minhas, não! Criaram todo esse mundo que a cerca, Naia, apenas para enganá-la, mantê-la presa por vontade própria... Tudo para que nunca soubesse seu verdadeiro destino... Todas as pessoas que já conheceu estão aqui só para te ludibriar; são gênios das trevas, que mudam de forma atuando nesse grande teatro! Tudo o que você vê a sua volta, cada planta, casa e animal, foi concebido somente para esse propósito...

Naia permanecia quieta, pensando na terrível e tão incerta hipótese. O sapo estava enfiado na bolsa se fingindo de morto de tanto medo.

Aian prosseguiu:



— Como não conseguiram apagar minhas memórias, os gênios malignos me prenderam a esta árvore, pensando que você nunca me acharia. Mas aqui está você, em Aritnem! Vamos, por favor, por tudo o que é mais sagrado, me solte para que possamos voltar a Ojeraliv...

— Mas em Laguna me avisaram que eu encontraria uma feiticeira e deveria tomar muito cuidado... — ponderou Naia, cautelosa.

— Claro que disseram! — A princesa chorava mais ainda. — Eles farão o possível e o impossí-

vel para evitar que fuçamos, pois têm propósitos sombrios, tão sombrios... Não perca tempo, Naia, esta é a única chance que temos! Há muita coisa em risco. Você não se lembra, mas eu garanto... Se soubesse...

Naia se afastou um pouco e se pôs a observar a moça suplicante, chorosa e aparentemente sincera. Uma escolha cruel para qualquer ser humano, pois não se tratava de bem ou mal, melhor ou pior, amigo ou desconhecido. Tratava-se de escolher entre duas realidades que se opunham por completo, incerteza contra incerteza, de igual para igual. No fundo, não fazia diferença; se uma delas fosse desprezada, a outra se tornaria a verdade oficial. E não haveria quem pudesse discordar.

— Não, me desculpe — disse Naia. — Tenho uma jornada a cumprir... — E se afastou, deixando a princesa acorrentada para trás.

Naia gostava muito de pensar, mas, convenhamos, há casos em que se fingir de ignorante pode poupar muita dor de cabeça. “Era uma feiticeira”, definiu, carimbou e arquivou no fundo da mente, ainda com uma nota: “Não vale a pena pensar muito nisso”. Seria mesmo sua irmã? Ninguém nunca saberá.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● UM RARO AMIGO

PARA ALÉM DA FLORESTA, Naia avistou uma ampla campina cintilando ao luar. Ao lado de um casebre, as placas já não indicavam o Vilarejo, e então ela se deu conta de que estava muito longe de casa.

De repente, ouviu uma canção e sentiu-se reconfortada. Quem a entoava era um ankharo, de pés grandes e peludos, sentado no galho de uma árvore torta. Terminou os versos com algumas notas de ocarina, pois aquilo de que as palavras não dão conta talvez a música possa dar. Naia gostou do que ouvira; afinal, os versos não eram tão maus assim. Costumava aplaudir quando via algo extraordinário. Nesse caso, não aplaudiu.

— Oi, qual é seu nome?

— Rapsodo. E o seu?

— Naia.

— Você é uma menina estranha, Naia — afirmou Rapsodo. — O que faz por aqui, nesta estrada perigosa?

— Estou viajando à procura da Capital. Você conhece?

— Claro que sim. Quem não a conhece é você.

— É verdade...

— E eu não te conheço, também. Sei seu nome, mas isso não é nada perto de tudo o que ainda há para conhecer. Mesmo que convivêssemos por anos, ainda não te conheceria. Por isso, nem perca tempo falando de sua vida.

— Eu venho do Vilarejo — disparou Naia, ignorando maldosamente o que Rapsodo dissera. — Gostei de você.

— Ah, talvez tenha gostado, mas não devia. Menina boba, diz isso porque não há ninguém como eu de onde você vem, então certamente lhe pareço especial. Mas, entre os meus, sou um ankharo comum. Cada um tem seu jeito de reagir ao estranho. Para você, como tudo aqui é estranho, não passo de um pedaço da paisagem, igualmente estranha. Já para mim, que estou tão acostumado com este lugar quanto um tatu com a terra, você é a coisa estranha que surgiu para causar “interferência”. É mais estranha para

mim que eu para você. Então, se eu agir estranhamente, não me julgue mal.

— Como vou saber se está agindo estranhamente se não conheço sua maneira normal de agir? Para mim, qualquer coisa que você fizer será estranha.

— A menina é mais inteligente que pensei.

Rapsodo recomeçou a cantar, porque, segundo ele, trinta palavras de um diálogo não valem uma de um poema.

Naia pensou em algo para perguntar, pois, afinal, talvez não encontrasse alguém tão cedo, além do sapo, para falar de coisas inúteis. No entanto, ficou sem graça de interromper tão “bela arte”. A pergunta vinha louca para sair, mas a longa música insistia em impedi-la, a ponto de se tornar inconveniente e até feia. A beleza nem sempre é fácil de perceber, é algo que conferimos às coisas, nem sempre de forma justa. O estado de espírito de Naia foi ficando tão inquieto que ela já não era capaz de atribuir qualidade alguma àquela (belíssima) melodia. Que som horrível!

Quando o ankharo terminou sua interpretação, ela havia esquecido o que ia perguntar, então tratou logo de achar outra pergunta:

— É verdade que há certos perigos por aí?

— Ah, claro! — respondeu ele. — O mundo é o mundo. Nele não há só coisas boas.

— Ouvi falar, mas não sei exatamente o que é.

— Bem, exatamente podemos começar com os lagartos carnívoros, mas tem também as plantas venenosas que expelem pólen tóxico, sem falar dos corvos que se irritam por nada. Dependendo dos caminhos que tomar, você poderá encontrar coisas ainda mais estranhas.

— Que saudade do lamaçal da minha casa! — murmurou o sapo, tremendo.

Naia riu.

— É melhor eu ir — disse. — Muito prazer em conhecê-lo.

— Espere um pouco! — De repente, Rapsodo ficou sério. — Acabei de falar dos perigos que tem por aí e vejo que você está desarmada... E é uma menina inteligente demais para fazer a tolice de enfrentar essas coisas com as mãos abanando!

— Não tenho medo.

— Parece ser corajosa. Já lutou contra alguém?

— Não.

— Tem alguma arma?

— Claro que não!

Rapsodo franziu a testa e voltou a cantar:

— *Menina fraca quer lutar,
Mas nada sabe, nada tem, nada é,
Apenas quer.
Que culpa tem, afinal?
Quem não quer?*

*Menina sábia sabe bem
Que nos livros nem tudo tem.
As fábulas...*

— Chega! — interrompeu Naia. — Vamos resumir essa parte. Enjoei de tanta música!

— Ah! Ah! Ah! — gargalhou Rapsodo. — Gostei de você, gostei, sim!

Naia fechou a cara ao perceber quanto tempo ele levou para gostar dela.

— Não me entenda mal... Adoro música, mas quero logo prosseguir.

— Sim, sim, não vou me demorar. Eis a mensagem final dessa canção, se é que isso existe: não subestime os perigos e não se arrisque demais. Mas, pensando bem, como você não conhece os perigos, não tem mesmo como sentir medo deles...

Parou um pouco, pensou, pensou, e abriu uma bolsa rendada. Dela, retirou um saquinho de pano.

— Leve isto como um presente. Aí tem um

punhado de pó mágico. É feito de tão raros ingredientes que há apenas quatrocentos gramas dele em todo o mundo. Boa parte está em suas mãos, agora. Mas tome cuidado, ele é muito poderoso!

— Muito obrigada!

Diz-se que cada experiência, boa ou ruim, sempre traz uma lição ou ao menos uma reflexão. Naia deixou de se incomodar tanto com o estranho, ao mesmo tempo que passou a ser menos ingênua e desconfiar mais de tudo o que é estranho. Curiosa lição, não?

Despediu-se de seu mais novo amigo e, feliz, retomou seu caminho.

● O ABISMO

LOGO DEPOIS DE DESCER o vale íngreme e contornar a margem leste do Grande Rio por mais duas léguas através de territórios sem nome e sem dono, caminhando folgadoamente em linha reta nas quase desabitadas estepes carpidas, de habitação em habitação, de arvoredo em arvoredo razoavelmente distantes uns dos outros, chega-se aonde rareiam as casas gradualmente. A partir daí, caminha-se por vastas horas, por dias sem fim, até que cada molécula de H₂O do corpo se converta em suor e caia no chão seco, evapore e aceite de bom grado retornar ao eterno ciclo que mantém vivo tudo o que existe.

Aí começa o Nada.

Bem, a essa altura as casas não existem, nem árvores, nem rochedos, nem gente, nem bicho. Só o chão ainda resta, quem sabe por ser a unidade mínima para que o local exista. Claro que Nada é

um nome um tanto exagerado, mas também costumam chamar o castelo do rei de Tudo, então se conclui que, exagero por exagero, a justiça está feita. Justiça das injustiças. Coitada da alma que caminha nesse campo: vê o espaço vasto, uniforme e plano, com horizonte para todos os lados, tão reto que chega a ser curvo, e continua a avançar sem saber se está avançando, já que nenhuma marquinha no chão serve de referência.

— Até quando? — reclama o Desânimo, que alegoricamente se manifesta.

Em algum momento há de se chegar a algum lugar. Esperemos...

Duas semanas antes de Naia e o sapo passarem por essas paragens, um ladrão havia tentado enganar um viajante, alegando que possuía a única e verdadeira espada de rubis que o rei, quando jovem, usara para derrotar o dragão que o tornara herói. A espada, claro, tornou-se um artefato lendário, de valor histórico, almejado por todos. O ladrão não era de todo mau: forjara uma falsificação de primeira linha. Mas ele não podia prever — oh, mundo cruel! — que o senhor a quem tentava enganar era o próprio rei. Resultado? O soberano mandou matá-lo.

O ladrão então fugiu do reino a galope, com os soldados do rei em seus calcanhares, até os Campos Redondos e, dali, até a ponte sobre o Abismo Eterno. Do outro lado, havia o Nada, espaço que só se cruza com um bom preparo de viagem (no caso dele, o medo substituiu o preparo). Depois de atravessar a ponte, o ladrão cortou as cordas, os soldados caíram no Eterno e a passagem foi selada para sempre. Em seguida, ele partiu para o Nada e nunca mais foi visto, pelo menos não naquelas duas semanas.

O que sucedeu com o coitado não importa, pois é outra história, não esta. No entanto, vale lembrar que isso tudo afetou diretamente a jornada de Naia. Ela vencera a viagem e se mantivera no caminho exato até o reino, no trajeto inverso ao que o ladrão havia tomado, faltando apenas atravessar a ponte. O problema é que, pelo motivo já contado, não havia mais ponte. A imensidão abissal a sua frente lhe dava arrepios, ainda mais pelo ronco que ali reverberava. Mas, de um jeito ou de outro, ela teria de transpor o penhasco.

— Vou usar novamente uma das sementes.

— Não faça isso! Guarde-a para depois! — protestou o sapo.

— Com ou sem semente, vamos atravessar. Ou

fazemos isso com o auxílio de uma, ou descemos o penhasco e o atravessamos pelo fundo.

— Não há fundo.

— Sempre há, só que ninguém nunca viu.

— Se ninguém viu, como você sabe que há?

— Ah, não me faça perder tempo!

Tão logo a semente foi lançada ao solo, à beira do abismo, nasceu de novo, firme e forte, uma esplendorosa árvore, com a porta de madeira e, nela, a já conhecida inscrição: “Aqui tem tudo de que precisa alguém”.

Entraram. O ambiente recendia a incenso e o interior não era o mesmo da última vez. Havia um longo corredor de pedras claras, iluminado por tochas de chamas azuis. No fim dele, deram com um amplo cômodo circular de cinquenta metros de diâmetro, pouco iluminado, com um tapete escuro no chão. No centro dele, em destaque, elevava-se, a dois degraus do chão, uma cama semioculta por finas cortinas de seda e em cuja cabeceira lia-se o seguinte:

Esta é uma cama mágica.

Quem aqui dormir será transportado ao outro lado do abismo.

Ou quase isso.

Ocorre da seguinte maneira, leia com atenção:

Tudo o que há em você será copiado.

Cada partícula de seu corpo, cada lembrança de sua mente.

Nada ficará de lado.

Então tudo será reconfigurado no ponto de destino.

E o original, deste lado, será destruído por completo.

Assim acabava a inscrição. Naia leu, releu, pensou, pensou, só deduzindo. Ela era o que era, então, se alguém fosse como ela, seria ela mesma. Sua consciência, memórias, personalidade, enfim, tudo o que a formava física e mentalmente continuaria a existir. De outro lado, ela seria um clone de si mesma e a Naia original morreria. E se dormisse e nunca acordasse e a outra tomasse seu lugar? Bom, o que era ela, afinal? Um conjunto complexo de forças que se desenrolavam no mundo físico... ou não. Aí estava o dilema, mas...

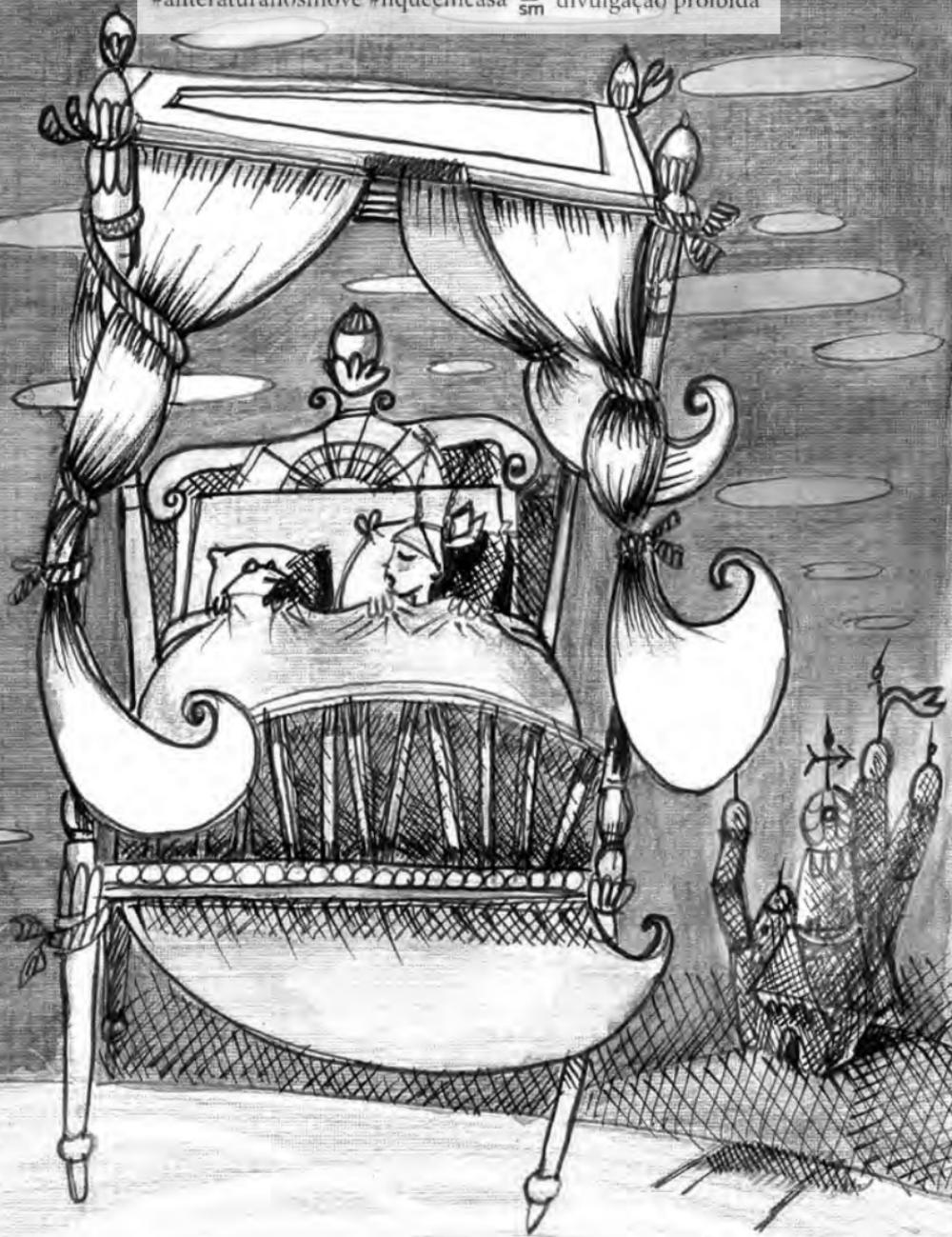
— Boa noite, sapinho!

— Ah, não vou dormir aí!

— Prefere voltar pulando pelo Nada até regressar ao Caminho Molhado?

— Não! Eu ficaria seco e morto no meio do caminho. Mas essa inscrição me confundiu muito. Diz que seremos destruídos!

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

— Tenha a mente mais aberta, criatura. Mente mais aberta...

A menina pegou suas coisas, pôs o sapo na bolsa, deitou-se na cama, cobriu-se com o cobertor e, fechando os olhos contra a franha cheirosa, adormeceu. Quando reabriu os olhos, viu-se deitada sobre uma pedra dura e desconfortável e deu-se conta de que estava a céu aberto, na outra beira do abismo. Do outro lado, lá longe, a esplendorosa árvore retraiu e desapareceu.

— Viu só? Atravessamos — concluiu Naia, contente de si. — Não sei por que tanto medo.

— É... Até que não foi tão ruim...

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● A CAPITAL

OH, CIDADE! OH, CAPITAL, grande centro de tudo! Aceito até mesmo perder o senso de ridículo para cantar, em falsete, uma ode a tua maravilhosa estrutura. Essa, sim, é a melhor forma de introduzir a chegada de nossos viajantes a tuas tão nobres portas!

— Chegamos, chegamos! Olha!

— Estou vendo.

— Que cidade grande! Quanta gente!

Acabaremos chegando à parte que interessa. Os Campos Redondos, nome dado àquele território vasto e sem importância que cerca a região da Capital, eram o tempo todo cruzados por mercadores e viajantes corajosos, mesmo quando a tempestade ameaçava e a chuva castigava suas capas e botas. Ao leste e um pouco mais para o sul, ficava o abismo que separava o Nada e, mais além, estavam as regiões misteriosas, cheias de magia e loucura.

Em geral, os desbravadores desse lado relatavam em seus diários de viagem as aventuras indo para aquele lado, pois sempre cabe sair do normal para observar o estranho. Nós somos os primeiros a fazer o movimento contrário, e logo veremos quão estranho pode ser o lado “normal” da coisa.

Ao norte, havia colinas e fazendas, além do campo de treinamento dos soldados reais. Esticando-se quase no centro das campinas, ficava a cidade, que se espreguiçara para todos os lados até se tornar essa gigantesca coisa. Se me permite a metáfora, parecia um ser vivo: as ruas eram veias pulsando; os prédios, órgãos cumprindo funções; o castelo, o coração. Os quarteirões, exemplos de ordem, à noite competiam com o céu estrelado, resultando em uma magnífica imagem de luzes piscando nas trevas. Os casarões mais luxuosos permaneciam sempre abertos, cheios de comida, à maneira dos orientais, enquanto tendências de moda eram ditadas e seguidas por madames de boa família. Leques abrindo-se e fechando-se, casacas justas, saias volumosas, armaduras de alta patente, cerâmica fina... Novidade para cá, novidade para lá, e o dinheiro sempre circulando...

Era a melhor cidade do mundo, e ai de quem dissesse o contrário.

● A RECEPÇÃO

OS RUMORES ANDARAM MAIS RÁPIDO que as pernas de nossa viajante, de modo que um alvoroço já se criara em torno da notícia da chegada de Naia muito antes de ela ter vislumbrado a cidade. Nas conversas de bar, nas esquinas, nas travessas, nas fofocas janela a janela e nos nobres salões de valsa, ouviam-se frases do tipo:

— Sabia que uma boa moça do Vilarejo estará aqui em breve?

— Ouvi dizer que alguém do Vilarejo virá para cá para contar como é lá.

— Disseram que uma menina má está vindo para a cidade hoje.

— Correm boatos de que uma feiticeira maligna está prestes a chegar.

— Estão todos falando de uma menina demônio de três olhos que virá até aqui atear fogo em nossas casas!

De boca em boca, de ouvido em ouvido, a notícia foi se espalhando, centenas de pessoas reproduzindo o boato e adicionando nele algum ingrediente particular. Como bem se sabe, o medo é tempero favorito do ser humano, e mal Naia chegou à cidade, foi levada presa.

Que bela recepção, não?

● NÃO

O CALABOUÇO ERA FRIO E ÚMIDO. Nos vários andares, um mais profundo que o outro, um mais medonho que o outro, viam-se teias de aranha, correntes e esqueletos presos pelos pulsos e pescoço. Na escuridão do ambiente, melancólicas tochas alumiam formas aleatórias pelas paredes.

A cela de Naia era lá embaixo, descendo uma dúzia de andares. Os corredores escuros pareciam abrigar monstros terríveis, e ela teve medo. Entretanto, o medo é um obstáculo fácil de vencer com um pouco de treino. Naia começou dando-lhe uma bofetada, depois outra e mais outra, muito segura de si, ainda mais segura de seus punhos. No final das contas, aqueles dias de cárcere a ajudariam a preparar-se para as coisas mais difíceis que estavam por vir.

— Não, não e não! — exclamou o sapo, envol-

to nas mãos da menina. — Isso não tá certo. Por que fomos presos, afinal?

— Não sei bem. Acho que estão com medo. É normal as pessoas agirem desse modo quando temem alguma coisa que não conhecem.

— Não, não e não! Isso não tá certo ainda.

Acostumaram-se com o escuro e com o alimento nojento que lhes era dado pelo carcereiro. Já não sabiam mais havia quanto tempo estavam ali, uma vez que a passagem dos dias não é contável quando se deixa de ver o sol. A única vantagem de estar tão longe de tudo e de todos é que a imaginação se obriga a funcionar mais que nunca. Então, como os melhores poetas, Naia compôs um poema sobre seu lar. E que poema! Aqueles versos, feitos com maestria, traziam uma emoção mais genuína que uma visita ao próprio Vilarejo. Assim o vemos ressurgir melhor e, quem sabe, futuramente, reaparecer mais vezes nas mãos de outras mentes mais hábeis e criativas, desgastando a primeira metáfora do Vilarejo sob o peso da segunda e da terceira, até que na quarta a realidade se desfaça em pó.

Mas não quero encher este capítulo de lirismo. Contentemo-nos, pois, com os três primeiros versos e fiquemos também com a promessa de que, até

o final deste livro, Naia comporá um belo poema formado por cinco estrofes com quatro redondilhas brancas cada um deles. Deixemos a menina amadurecer a ideia. Caso contrário, eu mesmo o farei, dando todo o crédito a ela — não sou orgulhoso nem egoísta. Eis, por ora, os três versos:

*Um lugarzinho esquecido
Onde o solo ainda é fértil e virgem,
Que cheira a conforto, saudade e água fresca...*

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● REAL?

AGORA NAIJA TEVE DE DEIXAR o mundo lírico da poesia para lidar com um fato real nos dois sentidos da palavra: oposto do fictício e provido de realidade, embora Naia discordasse de ambos. Isso porque o rei enfim soube de sua prisão e, com um interesse que surpreendeu ao menos formal dos ministros, ordenou que a tirassem do calabouço imediatamente e a trouxessem diante de sua soberana presença.

Era dia de baile. O rei parecia tão interessado em conversar com Naia que não se importou em interromper tudo. Afinal, festas existiam aos montes naquele castelo, ao passo que uma mente lúcida, não. De qualquer modo, a ocasião era especial, pois comemorava a conquista de dois mil hectares de terras do reino vizinho pelo exército do príncipe. O rei era muito econômico, menos nos banquetes e nas festas, como bem demonstrava aquela noite:

máscaras de porcelana dançando ao som da valsa, três mesas enormes repletas da melhor e mais gorda comida, uma profusão de damas, duques, condes, viscondes, visduques, visdamas (ora, não vamos fingir que entendemos de títulos nobiliárquicos)...

Assim que Naia entrou no salão, a música silenciou, a dança parou e até os cozinheiros deixaram queimar um pernil, um bolo, um cozido... — não importa, ainda havia muito. O rei, um homem grande, de feições rudes, mas para quem essas palavras nunca foram ditas, recebeu-a com um sorriso lá do alto de seu lugar

reservado. Para chegar até o trono, ela teve de atravessar um muro de olhares penetrantes, quem sabe curiosos, quem sabe de desprezo ou inveja.

— Por que me puse-ram neste vestido ridículo? — perguntou Naia ousadamente, antecipando-se ao soberano.

— Para que não se sinta mal usando aquele vestidinho sujo em um lugar tão requintado.



— Como queria que ele ficasse limpo se fui obrigada a usá-lo dias e dias no calabouço?

— Vamos ao que importa!

Naia foi convidada a sentar, comer, beber e esquecer os mal-entendidos. O rei concedeu a ela a honra de contar-lhe a vida, falar sobre o Vilarejo, sobre seu dia a dia chato, sua jornada mais chata ainda, seus destinos incrivelmente mais chatos e qualquer outra chatice que ele ouvia apenas para agradá-la.

— Por que quer me agradar tanto? — indagou Naia, servindo-se de balas.

— Parece que você tem uma mensagem para mim...

— Por acaso tenho! Quer dizer que estava a minha espera?

O rei fez que não, mas sua má atuação afirmava mais que negava.

— Não falo nada sem ganhar algo em troca — disse ela.

O rei espantou-se ao ver quão astuta e oportunista podia ser uma pessoa tão pequena.

— Qual é sua condição?

— Desejo apenas uma resposta. Por que o Vilarejo é tão isolado? Quero saber, pois lá é meu lar, minha origem...

— Eu não sei, ora.

— Como não sabe? Há um guardião sob suas ordens para não deixar ninguém entrar!

— Há?! — O rei ergueu as sobrancelhas.

— Ele está sob suas ordens! Como pode não saber disso?

— Deixe-me ver.

O rei levantou-se do trono, convocou seus conselheiros e todos entraram em conselho. Bem, começaram a explicar os conselheiros, a questão do Vilarejo tinha que ver com uma ordem real, e, como não cabia a eles contestar a soberania, apenas a cumpriam sem saber por quê. O rei defendeu-se argumentando que dera continuidade a tudo o que seu pai fazia, sem questionar. Buscaram um homem velho, ou mais que isso, que fora conselheiro do pai do rei e perguntaram-lhe sobre a razão daquela ordem. Ele também desconhecia o motivo e sugeriu que consultassem conselheiros ainda mais antigos, pois o Vilarejo sempre fora assim, desde antes do pai do pai do rei. Pesquisaram os registros antigos de outras gerações reais e também de outras dinastias, e daí até o mundo antes de ser mundo. A conclusão foi simplesmente esta: era impossível descobrir quem dera a primeira ordem, de modo que era

fácil se perder nas genealogias, mas difícil encontrar qualquer razão coerente.

— O que vai dizer à menina? — perguntou um dos conselheiros, depois da busca corrida e insatisfatória.

— Não sei.

— Se me permite opinar — disse outro —, sendo Vossa Majestade a autoridade máxima do reino e não havendo motivo para manter o Vilarajo isolado, está em vossas mãos resolver a questão.

— Como?

— Mandando homens lá, investigando a respeito, coisas assim. Ah, e tirando o guardião da entrada, claro!

O rei pensou, pensou, pensou e... cansou de pensar. Melhor não: tudo estava bem daquele modo, e assim continuaria. O mais cômodo era deixar as coisas como sempre foram. Afinal, para que complicar e correr riscos desnecessários?

E assim morreu a questão.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● OXÍMORO

— HÁ ALGUMA OUTRA COISA que eu possa lhe dar em troca, menina?

Naia aborreceu-se.

O rei não podia dizer que desconhecia a razão do isolamento do Vilarejo; seria um desfecho vergonhoso. Cogitou mentir, dizendo tratar-se de segredo de Estado, mas certamente Naia ficaria tão curiosa que insistiria mais e mais até arrancar-lhe a informação que... não existia. A melhor saída era dar algo mais interessante em troca da resposta. Não necessariamente melhor, apenas mais interessante, como uma joia reluzente que não passa de latão banhado a ouro.

O rei ofereceu-lhe dinheiro, comida, tesouros, o bobo da corte e até as estrelas — que, por sinal, nem dele eram —, mas Naia preferiu pensar em algo melhor. O rei não gostou daquele pensar, pois já tivera a oportunidade de ver como a menina era esperta. Barato não sairia.

— Já sei o que quero!

— Diga. Se for justo, pensarei no caso.

— Reflita comigo: se não vai me dizer o que quero saber, mais vale eu pedir algo que me leve a saber. Entendeu? Vou explicar melhor. Desejo que me dê todas as informações disponíveis no reino sobre o Grande Sábio e também que deixe a minha disposição tudo o que for necessário para que eu o ache. Assim poderei tirar essa e outras dúvidas com ele. Não sairá caro e nós dois seremos beneficiados.

— É uma boa sugestão.

— Além disso, quero encontrar o Fim do Mundo. O Grande Sábio vai me ajudar nisso também.

Feito o trato e comida a sobremesa, passaram à troca em si. Naia começou relatando o encontro com a Grande Mãe Árvore, depois passou à descrição do lugar e de suas impressões — coisa que não interessava nem um pouco ao rei — e acabou entrando nas conversas metafísicas e complexas, se não vãs e loucas, sobre a formação do mundo, das forças cósmicas, dos conhecimentos maiores, das sabedorias que sonham ocultas e intactas a uma distância insignificante dos devaneios de uma criança — coisa que interessava menos ainda ao soberano.

— Transmita logo a mensagem que trouxe para mim. Prometo-lhe o combinado e até mais que isso.

Naia contou-lhe então sobre a montanha em cujo interior as criaturas despertavam. Explicou sobre os presságios de guerra, a possível descrença do rei e tudo o mais, e ainda ousou dar um conselho ou dois sobre como prosseguir em um momento político tão delicado. Para sua surpresa, o rei não ficou preocupado nem descrente, apenas riu, depois gargalhou, muito feliz.

— Como ousa? — reclamou a menina ao ver sua mensagem ser tratada com tamanho desdém.

— Eu tinha prometido que daria o combinado e até mais. Com certeza darei mais e mais que isso! Fico muito contente com sua mensagem!

— Trate de explicar!

— Há muitos anos, quando eu ainda era um príncipe jovem, fui levado ao oráculo. A Grande Mãe Árvore, depois de dar conselhos valiosos para minha futura vida de monarca, alertar-me sobre alguns perigos e profetizar vitórias, disse-me o seguinte: “Algum dia chegará a vosso reino uma menina louca falando besteiras”. Esse seria o sinal de paz duradoura. Sabe o que significa? Que o reino está a salvo e uma nova era se inicia.

Posso deixar de lado os exércitos e entregar-me às festas e à alegria!

— Acho que não entendeu bem a mensagem. É justamente o contrário que deverá fazer! Prepare-se para a guerra, foi o que a Grande Mãe Árvore pediu que lhe dissesse. E um oráculo nunca mente!

— De fato, mas creio que quem entendeu errado foi você. Talvez ela tenha feito de propósito, passando uma mensagem confusa para que chegasse aqui delirando. Ah, sábia árvore, escolheu a mais tolinha das meninas para a tarefa!

— Desconheço o que ela lhe disse naquela ocasião, mas insisto que entendeu errado. De qualquer modo, não vale a pena discutir.

E não valia mesmo. Esse é o tipo de questão cuja verdade pode estar tanto de um lado como de outro, dependendo do que cada um escolhe defender. Se a mensagem do rei estava certa, a de Naia também podia estar, pois uma era fruto da outra, apesar de opostas. Ela defendeu seu lado apenas por ser seu, embora no fundo soubesse que os dois podiam estar certos. O mesmo digo do rei, porque, se ele estivesse certo, Naia também estaria, o que faria com que ele estivesse errado. Ambos tinham parte de razão, nem que fosse uma parte

pequena; cabia a cada um enfeitar a sua para que ela aparentasse ser a verdade.

Naia e o rei pararam aí a conversa, deixando em paz um ao outro.

A menina afinal ganhou o dela, lembrando que o rei prometera o combinado e até mais e mais que isso.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● O LIVRO DENTRO DO LIVRO

— FALAR COM O REI, FEITO — disse Naia ao sapo, ticando sua lista de tarefas. — Agora vamos ver onde está o Grande Sábio, ir até ele, fazer umas perguntinhas e depois encontrar o Fim do Mundo.

Patrocínios para a viagem agora ela possuía de sobra: além do baú de ouro que encontrara em uma das trilhas, contava com o incentivo do rei para prosseguir. Estava rica. Conforme o acordo, o soberano ordenara aos conselheiros que dessem à menina todas as informações necessárias sobre os caminhos que o Grande Sábio um dia seguira. Com base nelas, Naia poderia traçar seus próximos destinos.

A história do Grande Sábio é maior que esta, então não vale a pena colocá-la dentro da de Naia, porque o livro seria grande demais para ser carregado. Se este livro pesa mais do que parece, é

porque há, dentro desta história, milhares de pequenas outras.

As pessoas mais velhas do reino e de outros lugares, próximos ou distantes, foram chamadas a depor, gente vinda de épocas que ela não compreendia. Colocaram grimórios a sua disposição, assim como livros de história e geografia daquelas regiões. Embora tivesse de começar do zero, já que não tivera a oportunidade de estudar muita coisa naquele lugarzinho esquecido de onde viera, Naia aprendeu tudo muito rápido. Afinal, era um prodígio! No curto tempo em que discorremos este parágrafo, ela juntou todas as peças necessárias para dar o passo seguinte, quase nos deixando para trás. Enquanto ela e o sapo se preparavam para partir, o pássaro azul rodeava alto no céu, bem acima deles.

— Está vendo aquele pássaro? — perguntou Naia, apontando para o céu. — Não é a primeira vez que ele aparece.

— Também notei — respondeu o sapo. — Parece até que está seguindo a gente.

Bem, de acordo com meus cálculos, praticamente completamos a primeira metade deste livro. A segunda metade tende a conter coisas ainda

mais interessantes. Caso isso não ocorra, poderemos recorrer à terceira metade, ou à quarta, ou à quinta, já que a história só sobreviverá se você for capaz de aceitar que um todo pode ser formado por cinco metades. Por menos que isso, sobram apenas os cacos da casca do ovo.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● UM PASSEIO DIMINUTO

DEPOIS DE UNS DOIS DIAS NA ESTRADA, Naia encontrou um excêntrico alquimista, daqueles que gostam de viver isolados para que ninguém perturbe seus estudos. Tinha uma barba estranha e um cabelo pior. Pouco saía de seu casebre torto e colorido, onde morava com sua galha de estimação. Havia vantagens em viver sem ninguém por perto, mas sofria com a falta de cobaias para seus experimentos. O mais recente deles consistia em uma fórmula para encolher pessoas, ainda não testada em humanos.

— Encolher?! — perguntou Naia.

— Exato! É só um teste, tudo ficará bem.

— E o que eu ganho em troca?

— Um presente misterioso.

Um presente misterioso... Ora, ninguém seria tolo o suficiente para empreender uma viagem tão arriscada em troca de um embrulho de conteúdo

desconhecido. “Faça o que lhe peço e ele será seu; antes disso não contarei o que tem dentro”, dizia o alquimista aos viajantes que passavam por lá. Embora curiosos, eles não se rendiam: “Esperto esse alquimista, não? Pode ter colocado qualquer coisa sem valor aí dentro e quer nos convencer de que vale alguma coisa!”.

Mas Naia, como sabemos, aceitaria uma proposta dessas sem pensar duas vezes. Típico. Por isso, foi logo pedindo para ver o presente: um pacote em papel vermelho, enrolado com fita azul brilhante, tudo muito bonito. Chacoalhou, chacoalhou, tentando imaginar o que era e o que não era.

— Vamos, menina — disse o alquimista. — Pare de trapacear e vamos já ao que interessa. De acordo com meus cálculos, a viagem é de ida e volta. Preste bastante atenção em cada detalhe para me contar depois. Agora vamos, coma isso.

Sobre a mesa de madeira havia um brigadeiro bem redondinho, envolto por chocolate granulado, dentro de uma pequena forma prateada. Naia contemplou-o antes de colocá-lo na boca, mastigar e engolir. Sem sentir tontura nem nada, vivenciou o efeito mágico do encolhimento — rapidamente começou a encolher. Muito, demais. Era como se a casa se tornasse grande a sua volta, depois gigan-

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

tesca, até os pés do alquimista parecerem enormes montanhas, até as fissuras no chão de madeira lembrarem cânions, cheios de aracnídeos de corpo transparente andando para lá e para cá, até as fibras se tornarem grandes estruturas retorcidas de metal sob seus pés...

E o encolhimento não parava. Tudo a sua volta crescia mais e mais, até ela notar o chão coberto por uma espécie de plasma azulado. E logo aquilo se tornou uma atmosfera azul dentro da qual mergulhara. Conforme Naia diminuía, formas vermelhas e negras se estabeleciam a seu redor, até ela se ver pisando sobre uma de dezenas de bolhas transparentes, no fim compostas por hexágonos, mas que na verdade eram estruturas sustidas por pequenas árvores douradas, logo tornadas colossais. E sobre cada uma dos milhões de folhas de cada árvore havia um mundo diferente. Naia estava em um deles, primeiro sentindo-se gigantesca, com as nuvens na altura da cintura, olhando o céu escuro bem no alto e as montanhas, florestas e mares bem embaixo. Porém, como continuava encolhendo, começou a ver, de perto, cidades e seres estranhos que nelas habitavam. Notou que as cores eram diferentes, com árvores pretas e cor de laranja, rochas verdes, pessoas vermelhas. Acabou tornando-se

minúscula, até adentrar as inimagináveis reen-
trâncias de um grão de minério, que parecia um
deserto de metais e outras substâncias mescladas...

Ufa! Peguemos fôlego.

Reduziu-se, então, até se ver boiando em um
líquido (seria isso mesmo?). Ali tudo agia de ma-
neira inesperada: objetos caíam para cima, coisas
colidiam umas com as outras, sumiam e reapare-
ciam ao longe, outras se desintegravam sem que
nada as tocassem. Naia descobriu que, sobre a água,
um pequeno grão de areia era o único continente
conhecido por pessoas que não se aventuraram o
bastante para navegar além. E, mesmo que o fizes-
sem, quão longe poderiam ir?

Ora, o fim da viagem foi um vale branco, que
ela guardaria na memória para sempre. Em um
canto qualquer, brotava tímida uma flor, a mais
surpreendente que Naia já vira. Suas pétalas eram
de uma cor nova; sim, uma cor totalmente inédita.
Não se tratava apenas de uma nova combinação
ou brilho, mas de algo não presente no espectro de
cores de seu mundo. Ela deu à flor o nome Daura.
Não vou descrevê-la e nem tente imaginar, é perda
de tempo: só Naia viu Daura, ninguém mais.

Depois de alguns minutos, recomeçou a cres-
cer. Havia colhido Daura, porém a flor não podia

crescer com ela, e Naia a viu diminuir, diminuir, até desaparecer por completo na palma de sua mão. O mundo a seu redor foi encolhendo, enquanto ela fazia o caminho reverso pelos tantos ambientes impressionantes que visitara, até finalmente retornar a seu tamanho natural.

— O que você viu?

— Daura.

Naia fez de tudo para tentar explicar o que vira lá embaixo, ou lá dentro, enfim, não sei nem como me referir espacialmente ao lugar visitado por ela. Fracassou na explicação, mas conseguiu deixar o alquimista alegre o suficiente para lhe dar a misteriosa recompensa, o que ele fez somente depois de terminar suas anotações. A experiência tinha valido a pena só pela viagem, pensou ela, mas um presentinho sempre ia bem.

Por fim, despediram-se, e Naia partiu rumo a seu destino, deixando para trás um alquimista maravilhado.

— Agora abra o presente — disse o sapo.

— Vou abrir, mas não já.

— Abra logo, estou curioso... E aposto que você também!

— Com certeza... Pode deixar, daqui a pouco eu abro...

Só que não abriu. Levou aquele embrulho para cima e para baixo, dali e pelo resto da viagem, sem se desfazer dele nem violar a fita azul. Talvez o prazer de carregar aquele insignificante mistério valesse mais que o próprio conteúdo — afinal, era um presente-surpresa, a melhor coisa que alguém poderia receber. Se ela o abrisse, acabaria o encanto. Ora, tantos recusaram ser cobaias do alquimista por desconfiar do valor do embrulho, quando na verdade ele valia por si só...

Enquanto caminhava, Naia brigava com a memória, pois sabia que, cedo ou tarde, a imagem de Daura se apagaria para sempre de sua mente...

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● PEQUENA TRAPAÇA

PROTEGENDO O ROSTO DO SOL, Naia escalava uma colina. Do topo, avistou a estrada de terra seguir quase infinitamente para o horizonte.

— Ai, ai... Olha o mapa, sapinho.

— Estou vendo...

O dedo da menina percorreu as linhas. O sapo pulou do ombro dela para o papel e, com as patas pegajosas, começou a analisar o traçado.

— Essa estrada é gigaaaaaante! Acho que você não vai aguentar caminhar isso tudo.

— Não mesmo.

Naia deu meia-volta e desceu ao pé da colina.

— Estamos voltando? — perguntou o sapo.

— Não muito.

Ela sentou no chão. Tirou da bolsa um lápis e uma borracha. Com cuidado, apagou o desenho de um hotel que havia no outro lado do mundo e refez o desenho ali mesmo, na estrada. Depois, subiu a colina outra vez.

— Você acha que isso vai funcionar?

No entanto, o sapo se calou assim que viu, a cem metros dali, um grande casarão chamado “Hotel Boas-Noites”.

Acho que a preguiça de caminhar é mais forte que a lógica desta história.

● AQUI, ALI OU LÁ

UMA MANHÃ ABAFADA E SONOLENTA não é um bom estímulo para trilhar sendas novas. Por sorte, não era esse o caso: a manhã estava agradável e animadora, talvez mais que nunca naquela região. Ora, pode parecer desnecessário citar o ruim para depois dizer o que é bom, mas tenha certeza: há um motivo para isso — e não se trata de uma brincadeira impertinente. A mente humana é tão falha, tão esquecida que por vezes é necessário forçar uma antítese para que as características pareçam mais vivas. E o processo funciona surpreendentemente bem.

Que manhã maravilhosa!

Naia esforçou-se para despertar cedo (apesar de ter levantado depois do meio-dia, perdendo o turno da manhã e tornando os dois parágrafos anteriores completamente inúteis) e acordou o sapo igualmente preguiçoso. Desceu de seu quarto, deu

duas moedas para a dona do lugar, tomou um chocolate quente com pãezinhos e manteiga e preparou tudo o que podia para partir. Ao abrir a porta do hotel, o ar da atrasada alvorada lhe encheu os pulmões e o sol lhe sorriu. Notou outra vez a presença do pássaro azul cortando o céu logo acima dela. Hora de retomar a caminhada.

Andou um pouco e logo deu com um grande poste. Nele havia quatro setas talhadas em madeira apontando diversos caminhos e, no topo, uma gralha adormecida.

— “Estrada Baixa”, “Lago de Peixes”, “Floresta de Eucaliptos” ou “Rota Proibida”... O que acha, sapinho?

— Escolha a direção que quiser, menos essa tal de Rota Proibida!

— É essa que vai ser.

O sapo revoltou-se.

— Estou apenas brincando com você! Como sempre, não faço a mínima ideia de pra onde ir. O mapa não diz nada sobre o Fim do Mundo e eu não imagino onde estará o Grande Sábio.

— Pensei que o trajeto já estivesse todo traçado!

— Fiquei tão preocupada com os fins que acabei dando pouca importância aos meios e nenhuma aos inícios.

O sapo ficou mudo, chocho, sem graça, enquanto Naia, sentada à sombra daquele poste indeciso e indecível, olhava distraída para o nada, como quem elabora uma grande estratégia. O sapo tinha certeza de que, quanto mais cara de pensadora ela fazia, mais vazia sua mente estava.

Sabe-se lá quanto tempo se passou ali naquele entroncamento com os dois, ou os três, se contarmos a gralha adormecida, parados como quem não quer nada. Naia pensou, pensou: se todos os caminhos lhe eram desconhecidos, tanto fazia um ou outro; então, bastava lançar a sorte. Ora, esse foi o primeiro pensamento que lhe veio. Um pensamento um tanto impulsivo, ao contrário das considerações do sapo, que queria escolher a rota com muito cuidado. Conforme as horas transcorreram, porém, as posturas se inverteram: Naia ficou mais reflexiva, e o sapo, impaciente.

— Vamos tirar cara ou coroa... Ou, talvez, lançar os dados? — disparou ele.

— Não, agora sou eu quem não quer. Temos que escolher com calma.

De repente veio-lhe a ideia. De imediato, Naia tirou da bolsa o saquinho de pó mágico que ganhara de Rapsodo. Catou um punhado dele e pôs-se a observá-lo na palma da mão: era amarelo cin-

tilante, com outras cores oscilando entre os grãos, cada um deles mais belo que a estrela que imitava. Posicionou-se então diante do poste e os lançou.

O efeito foi extraordinário: quando a nuvem de pó cobriu o poste, as setas magicamente começaram a rodopiar — espantando a pobre gralha —, cada vez com mais violência, fazendo ruídos estranhos e emanando uma luminosidade sobrenatural, até que estacaram de repente, todas apontando para uma única direção.

— Parece que as opções diminuíram, não?

E Naia partiu, feliz, rumo ao caminho indicado, enquanto a gralha, irritada, retornou a seu lugar de repouso.

Ainda era um destino desconhecido e aleatório, mas pelo menos ela estava livre da escolha. Se algo desse errado, a culpa seria do pó mágico.

● A CAVERNA SINESTÉSICA

NO FIM DAQUELE LONGO caminho aguardava-a, como um prêmio a ser conquistado, uma árvore robusta, perfeita para descansar à sombra. De bom grado, Naia fez uma parada. Ela nunca havia caminhado tanto, nem ido tão longe. A sensação de um porvir assustadoramente vasto a empolgava cada vez mais.

— Falta muito? — perguntou o sapo enquanto a menina dava grandes goles na garrafa d’água que trouxera.

— Se eu soubesse, talvez não tivesse tanta graça.

Poucos metros adiante, Naia avistou, entre dois imensos rochedos, uma fenda escura, cuja placa dizia “Caverna Sinestésica”. Apesar de nem ela nem o sapo saberem o que significava a palavra “sinestésica”, decidiram entrar lá para cortar caminho.

O local tinha uma história e natureza muito particulares. Enquanto nossa Naia observa, ten-

tando entender do que se trata, podemos abusar do privilégio da narrativa onisciente para expor logo esse mistério. A gruta possuía uma série de galerias amplas e estreitas, com estranhas formações geológicas nas paredes e no teto que lembravam estalactites e estalagmites — sem saber quais vinham de cima e de baixo. Água fresca e cristalina minava aqui e ali, e cascatas formavam pequenos riachos. O ambiente era um pouco escuro, mas não muito, porque o contraste entre o ar puro e a rocha bruta dava uma sensação de nitidez.

Contudo, não era a beleza natural dig-

na de aplausos que tornava aquela caverna tão especial — como sempre foi e será, são os habitantes que fazem o valor e a fama de um lugar. Viviam cinco tipos de primatas ali, todos pequenos, espertos, de feições infantis e simpáticas. Andavam em grupos, geralmente com os da mesma



espécie, que aparentemente se diferenciava pela cor do pelo. Havia os amarelos, os azuis, os brancos, os vermelhos e os púrpura. As cores eram tão vibrantes que não se poderia imaginar espetáculo mais belo que o desses animais indo de um lado a outro entre as bolsas d'água da gruta, brincando entre si, carregando seus filhotes e inventando peripécias inimagináveis.

Enquanto o sapo nadava naquela água fresca, coisa que não via fazia tempos, Naia foi explorar o resto da caverna. Depois de muito observar os primatas, notou que os grupos agiam de jeitos diferentes. Eis por quê:

Os amarelos tinham apenas um dos cinco sentidos que em geral as pessoas têm: o tato. Portanto, eram cegos, surdos, não sentiam cheiro nem gosto. Isso fazia com que fossem os mais estranhos: iam por toda parte, desciam nos buracos mais fundos e cheios de cocô de morcego, os comiam, assim como tudo o que viam pela frente. Não se incomodavam com nada, faziam barulho e andavam encurvados e contorcidos.

Os azuis possuíam nada mais que tato e paladar. Com essa vantagem, não comiam cocô de morcego, mas também não se incomodavam em se lambuzar nele, já que não sentiam cheiro.

Os brancos, por sua vez, tinham paladar, tato e olfato e, por conta disso, faziam questão de ficar longe daquela sujeira (e dos amarelos e azuis, por motivos óbvios).

Os vermelhos contavam com quatro sentidos, faltando-lhes apenas a visão. Por terem audição, tentavam não se aproximar das estrondosas quedas-d'água, gritavam apenas se necessário e se assustavam quando, ocasionalmente, uma pedra caía.

Já os púrpura tinham o privilégio de possuir os cinco sentidos e, por isso, evitavam lugares escuros, selecionavam o que comiam e procuravam manter-se limpos e seguros.

Quando Naia estava prestes a buscar um atalho em outro lugar, notou algo lá no alto. Sobre uma saliência na rocha, quase no teto da gruta, havia uma sexta espécie de primatas. Tinham pelo verde e, se a lógica permite concluir algo, possuíam um sentido além dos outros. Ora, nem eu, nem você, nem Naia podemos explicar que sentido é esse, muito menos qual a natureza daquilo que ele é capaz de perceber. Contentemo-nos em observar. Olhavam lá de cima, isolando-se dos demais, e desciam raramente, apenas para colher uma plantinha específica que comiam.

Em certas áreas da caverna, os verdes não ousavam nem se aproximar.

— Eu daria tudo para saber o que tem aqui — murmurou Naia em um lugar amplo e limpo, mas que, por algum motivo, chegava a assustar até essa sexta espécie.

No entanto, conteve-se. Retornou ao lugar onde estava o sapo e contou-lhe tudo o que observara. Depois de muito refletir, admitiu: a realidade não era apenas o que ela via e ouvia, mas algo maior e indiscutivelmente inacessível apenas pelos cinco sentidos. Teve de reconhecer que seu conhecimento, afinal de contas, era limitado.

Já na estrada, chegou a outra conclusão: buscar atalhos em lugares desconhecidos era uma grande perda de tempo — se bem que, nessa jornada, nada é perda de tempo...

(Sabe-se que, em épocas remotas, houve uma sétima espécie de primatas, mas, por algum motivo, eles não suportaram mais morar naquela gruta.)

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● OMISSÕES E INTROMISSÕES

A ESTRADA ERA REALMENTE bonita e, por enquanto, segura. Esse “por enquanto” tem perseguido Naia desde o início da jornada, a ponto de ela começar a desconfiar que fosse um “para sempre”. A expectativa de encontrar algum perigo causava-lhe mais transtorno que o próprio perigo, assim como a maior parte dos problemas que ainda não tinha, e talvez nunca viesse a ter, mas que insistiam em lhe causar preocupação antecipada.

— Há alguma coisa perigosa mais à frente? — perguntou a um pequeno mamífero branquinho que roía uma noz em um canto qualquer.

— Não ainda.

E assim vimos se passarem vinte e cinco capítulos nos quais Naia enfrenta um perigo inexistente, que uma hora há de chegar.

Não por enquanto.

Assim como há perigos que não se concretizaram, mas insistiram em tomar a palavra, fazendo-se presentes, há também fatos que de fato se concretizaram, mas a palavra os ignorou. Bem, acontece que esta história é aquilo que lemos ou vemos, não necessariamente o que Naia viveu. Por exemplo, você pode não saber, mas alguns quilômetros atrás ela encontrou uma placa em que se lia: “Bruxa”. Resolveu seguir a pequena trilha, fora de sua rota, e acabou sendo levada a uma casa de pedra bastante sombria. Esse fato ocorreu, mas foi ignorado por nossa narrativa, assim como outros igualmente omitidos, por serem desinteressantes. Houve também aqueles adicionados por serem pertinentes, apesar de falsos. A história, afinal, oscila e estremece, sendo não só uma, mas duas, ou treze, uma ao lado ou por cima da outra, ocupando o mesmo espaço em tempos diferentes, ou espaços diferentes em tempos iguais, ou em parte de espaços e tempos coincidentes, ou não...

Importa dizer que essa pequena visita de Naia à casa da bruxa talvez não fosse relevante quando o fato ocorreu (mais ou menos entre a saída da Capital e a chegada à caverna), mas em breve o será. Façamos então uma curta narração anacrônica do ocorrido:

Por fora, as paredes da casa eram de pedra escura e úmida, cheia de musgo, e as janelas, de um vidro tão opaco que nada se via em seu interior. Havia dois crânios humanos no beiral da porta de carvalho maciço, dando boas-vindas a qualquer aventureiro corajoso o suficiente para tocar a al-dabra de ferro. Era atordoante sair de uma trilha tão bela e deparar com um foco de forças tão malignas e assustadoras.

A bruxa era velha, mais velha que qualquer uma vista por Naia na vida (se bem que ela só tinha visto uma até então). Parecia má, só que de uma maldade um pouco fria e desapaixonada — menos mal. Parecia se importar apenas com o importante; não gastaria seus feitiços com uma menina tão besta como aquela. Limitou-se então a negociar seus artefatos estranhos com a viajante, pelo preço que ela pudesse pagar.

— Eu quero isto, aquilo, aquilo, aquilo outro...

A bruxa, que vinha dando pouca atenção à menina, deu-lhe mais que o dobro ao vê-la retirar o triplo de moedas de ouro da bolsa. Naia comprou umas três poções com efeitos variados, um pergaminho antiquíssimo com diversos símbolos cabalísticos, alguns dentes de Salamandra do Inferno, uma meia dúzia de joias amaldiçoadas e algumas

coisas demasiado estranhas para colocar na coleção — por acaso iniciada naquele exato instante.

Claro que nada disso servirá para nada, com uma única e medíocre exceção: uma dessas poções, apenas uma, fato insignificante que salvou este capítulo da total incompetência, virá a ter alguma utilidade mais adiante. Tenha paciência e segure sua curiosidade.

● AS COISAS

VOLTANDO À ESTRADA CERTA, retornando ao tempo certo e já pedindo desculpa pela rápida desorganização cronológica do capítulo anterior, Naia encontrou algo que a faria pensar em quão pouco sabia sobre ela. Quando digo “ela”, não me refiro à própria Naia, e sim a sua desorganização cronológica. Mais à frente, entenderemos.

Quanto mais avançavam pelo grande plano de estradas, campinas, pedregais, florestas, mais variados os cenários se tornavam. As plantas e os minerais eram outros, assim como os animais — fossem eles reais ou fantásticos. Um dos animais vistos nessas novas terras era um ser estranho, enorme e rosado, conhecido aqui como “porco”. Parece que você o conhece, mas eu não. No caso, era uma fêmea, enorme de gorda, com quinze filhotinhos guinchando e apertando-se uns contra os outros enquanto tentavam, todos ao mesmo

tempo, encontrar as tetas da mãe enorme. Eu sei que repeti três vezes a palavra “enorme”, mas ainda é pouco para descrever como era enorme o bicho.

Naia era esperta o bastante para não perturbar uma mãe com seus filhotes, então buscou outro ser para perturbar — procura que, como muitas outras nessa jornada, causou o efeito inverso, pois foi ele que acabou perturbando as ideias da menina. Tente imaginar: o ser era razoavelmente pequeno e redondo, uma bola. Sim, a melhor descrição é uma bola fofa, branca e peluda de olhos brilhantes, fluando para lá e para cá, cantando belas músicas, encantando as florestas com seu eterno aspecto de filhote, tão lindo, tão bochechudo, tão inocente, tão gracioso, tão “que vontade de apertar”!

— Oi, garota!

Um sorriso involuntariamente tomou conta dos lábios de Naia e ela se aproximou, amigável. O sapo quase vomitou arco-íris, mesmo que nunca viesse a admitir.

— Quem é você?

— Um lunático!

— Lunático?! Quer dizer que... nasceu na Lua? Você é o bichinho mais fofo que eu já vi na vida, sabia disso?

Ele caiu na gargalhada, rolando no ar, de ca-

beça para baixo, apenas com os olhões cintilantes e as bochechas enormes.

— Mas o que vocês, lunáticos, fazem afinal? — perguntou Naia, divertindo-se.

— Coisas! — disse ele, absurdamente bondoso e simpático, como um ser de paciência infinita, que a tudo responde com uma bela risada.

— Como assim coisas? De que tipo?

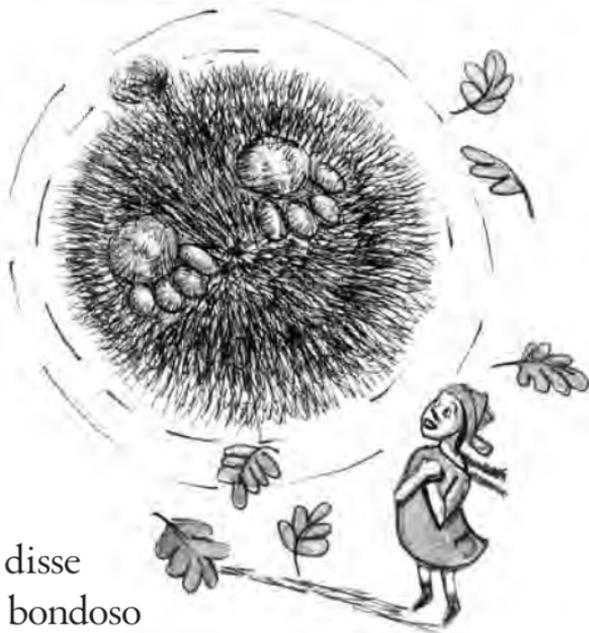
— Todas!

Ela estranhou a resposta, mas era impossível se irritar com tal criatura que tampouco parecia mentir ou debochar.

— Vocês fazem todas as coisas daqui?

— Todas, sem exceção!

Naia não resistiu, pegou na bolsa um docinho e ofereceu-o ao lunático. Ele aceitou com as mãozinhas curtas e foi mordendo aos poucos, enchendo os bochechões. Ela se entretinha tanto com aqui-



lo que mal prestava atenção no que ele dizia — a resposta do ser era sempre “tudo, fazemos de tudo, criamos tudo”.

Todo espetáculo de estímulo imediato perde, cedo ou tarde, a graça. Por isso, aos poucos, Naia desviou a atenção do aspecto fofo do lunático para o sentido de suas palavras.

— Como assim vocês criam tudo?

O pequeno sorriu, contente com o grande avanço intelectual da menina. Era evidente que, apesar da natureza infantil dos lunáticos, qualquer um deles era mais inteligente que as pessoas.

— Não há coisas no mundo! Ele não faz sentido, somos nós que as criamos! — respondeu.

E continuou falando em uma linguagem simples demais para expressar ideias tão complexas. Naia entendeu, traduzindo em uma linguagem um pouco mais rebuscada. Eis a tradução:

“Nós, os lunáticos, somos seres antiquíssimos, cuja responsabilidade primordial é criar nomes. As coisas existem no mundo de maneira desordenada, sem sentido, então concebemos ideias para organizar e categorizar tudo isso. Por exemplo, criamos a palavra ‘árvore’ para nomear toda forma que tem tronco, folhas, raiz, além das características que variam, caso a caso. Assim, tudo aqui-

lo que nasce por causas biológicas ou por mera consequência das leis da física torna-se símbolo com significado. Temos, então, árvores. Fazemos assim com tudo, definindo medidas de espaço, fatiando o tempo em horas, minutos, segundos... Desse modo criamos as coisas, pois damos nomes a elas. Presenteamos com nossas criações os humanos, os ankharos e quaisquer outros seres capazes de pensar...”

A parte seguinte já não pode ser entendida com essa linguagem. Traduzamos, pois, em outra, um nível acima:

“Os conceitos são quase infinitos. Não se pode dizer que o sejam por completo, porque se trata de uma matemática que em algum momento chega ao fim, mas a multiplicação é absurdamente vasta. Cada termo se apoia em outros, e cada signo assume sentidos variados, pois os conceitos existem na cabeça de cada um de nós, dependendo, além disso, do contexto... Em síntese, um nome é um símbolo que, ao ser reconhecido, se conecta com uma nebulosa gigantesca, feroz, mutável e de muitas ambiguidades”.

— Sabe, senhor lunático, pode parar de falar, que não estou entendendo mais nada... — interrompeu Naia. — Você é um ser tão inteligente!

Seria uma honra ter sua companhia nessa viagem. E, mesmo que não fosse, é tão fofo!

O ser aceitou embarcar na jornada, em parte por ter gostado da menina, em parte maior por adorar passear e em parte maior ainda por ter amado o docinho. Ao contrário do sapo, o lunático não parecia preguiçoso nem precisaria ser carregado; flutuaria livremente sabe-se lá por onde, reaparecendo vez ou outra.

Com um amigo desses, quem precisaria de outro? Naia sentiu-se tentada a se desfazer do sapo.

Ele que não nos ouça.

● BRINCADEIRA SEM FIM

O LUNÁTICO JÁ COMEÇOU SUMINDO e só reaparecerá uns três capítulos adiante. Sem reclamações; já sabíamos que seria assim. Naia, que ganhara uma noção melhor do tempo depois de conversar com a criatura (ou criador?), resolveu começar a contar os dias e horas de viagem — antes disso, tudo decorria para ela em um tempo torto, desproporcional, um dia tendo oitenta horas, o outro, dezessete; uma semana durando apenas quarenta minutos; um minuto levando três anos; um ano passando em um piscar de olhos... Mas, agora, o lunático havia firmado uma divisão de tempo para Naia, então a linha temporal passou a ser fatiada e posta em ordem linear. Respeitemos a lei.

Viajaram um dia inteiro.

— Naia — chamou o sapo —, o que você vai fazer com o resto daquele pó mágico?

Há uma máxima que diz que para toda ação há sempre uma reação de mesma intensidade na direção oposta. Este é o melhor momento para pôr essa tese à prova: uma menina travessa, com um punhado de pó mágico raro e incrivelmente poderoso. Foi preciso apenas um empurrãozinho para a diversão começar:

Um arbusto se incendeia.

Uma tartaruga ganha asas.

Uma pedra flutua.

Uma mudinha cresce.

A água vira leite.

A colmeia vira ouro.

A macieira dá uvas, bananas e pão doce.

O coelho fica gigante.

O elefante fica magro e elegante.

Um fruto converte-se num castor.

No laguinho surge uma ilha.

Um toco de árvore é um vendedor,

Que lhe vende um sorvete de baunilha.

Uma chave pula dum cravo belo.

Um cadeado surge num cogumelo,

Mas não tem nada dentro.

— Não tem nada dentro?! Então chega, Naia. É melhor guardar o que sobrou do pó mágico para qualquer eventualidade.

Ela aceitou o conselho do sapo; afinal, já havia brincado demais. Ele ficou satisfeito, mas um pouco desconfiado, pois nenhuma criança aceita parar tão fácil. No entanto, por trás de sua natureza tão irrequieta, curiosa e mandona, talvez Naia tivesse um senso de responsabilidade raríssimo.

E, tomando o sorvete de baunilha, ela retornou à estrada.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● O CONSELHO DAS MATAS

ESTÁ CANSADO? Não podemos esquecer que estamos em uma jornada e essa palavra, por si só, permite-nos inferir duas coisas: em segundo lugar, que há uma paisagem, com sorte bela; em primeiro lugar, que cansaremos nossas pernas e teremos sede. É sempre bom frisar essa dupla face da aventura, ou seja, que vale a pena persistir, forçar as pernas, aturar o cansaço e os pedregulhos irritantes do chão, para que durante todo o trajeto, desde antes do início até depois do fim, ganhemos maravilhosas recompensas. Aquilo que não exige certo sacrifício não pode, por regra irrevogável, ser bom o suficiente. Isso já foi dito e repetido, enfatizado e retificado, porque, sem exceção, as pessoas têm memória falha (o que também já foi dito e repetido). Normal.

Ainda está cansado? Beba um copo d'água, olhe para o céu, respire fundo e conte até dez.

Se não adiantar, feche o livro e tire uma soneca na estrada, que prosseguiremos sem você. Só que decida rápido, pois a narrativa não para e a caminhada não finda. A motivação já temos, agora vamos às orientações:

Para onde vou? Qual é a rota? Em que parte deste mundo estará o sábio que procuramos? Naia já havia caminhado o mais longe que imaginara ser possível caminhar sem chegar ao Fim do Mundo. Ela ainda não conseguia entender como algo poderia ter um fim, pois sempre é possível ir além, ao mesmo tempo que não lhe cabia na cabeça a noção de infinito... Mas deixemos o fim para o fim, porque, por ora, há problemas mais imediatos a pensar. Para onde vou?

O sol estava forte, porém, naquele ponto da trilha, as copas de árvores robustas formavam um refrescante túnel de folhas, uma espécie de barreira sombreada pela qual apenas feixos de luz passavam. De ambos os lados, viam-se pequenas frutas parecidas com morangos, romãs, jabuticabas, acerolas, cerejas, pitangas e outras bagas...

Depois de escalar uma grande colina, Naia chegou ao sopé de uma cadeia de montanhas. Ali, tudo era amplo e agradável. Das grandes paredes

rochosas, que se erguiam em meio a terra e vegetação, minava água. Em uma dessas rochas úmidas, a quinze metros além da trilha, havia sete faces humanas esculpidas, de cujos lábios brotavam esguichos d'água. Eram rostos rudimentares de natureza variada: barbados, jovens, femininos, idosos, carecas... Naia debruçou-se no mais jovial deles e, fazendo concha com as mãos, bebeu da fonte e lavou o rosto. Antes que estivesse satisfeita, contudo, a água parou de jorrar. Naia ergueu a cabeça e encarou o rosto imberbe.

— Por que parou de cuspir minha água? Estou com sede! — gritou ela.

— Somente os viajantes mercedores bebem desta água — respondeu com voz grave e vibrante a escultura de pedra. — Você já bebeu o que merece; só os heróis de grandes feitos bebem à vontade.

— Quer dizer que eu preciso ser uma heroína para beber daqui? Ah, não faço questão! Deve haver milhares de riachos mais à frente, no caminho.

— Não se trata apenas de água, menina tola! Esta é uma fonte de sabedoria. Nós somos o Conselho das Matas e temos respostas a todas as perguntas.

A coisa mudou de figura...

— Isso significa que eu posso perguntar qualquer coisa?

— Uma única pergunta, objetiva e imediata. Se merecer, terá sua resposta.

— E o que eu preciso fazer para merecer?

— Primeiro, deve ter salvado a vida de alguém. Depois, terá de se submeter a três sacrifícios: dinheiro, tempo e conforto.

A menina cogitou o preço e a qualidade do produto, como se estivesse comprando bananas na feira.

— Muito bem, eu já volto — disse, por fim. — Vou até ali me tornar heroína; não demoro mais que vinte minutos. Ouvi falar de uma montanha aqui perto que...

● A MONTANHA ALI PERTO

EM TODA HISTÓRIA SEMPRE há um momento de heroísmo. Não, isso obviamente não é verdade, mas nós dois sabemos quão difícil é convencer a maior parte das pessoas a esse respeito. No caso desta história, não precisamos: ela tem um pouco disso e um pouco daquilo para agradar a todos. Mas, se não estiver agradando...

E lá estava a famosa montanha, em cujo interior morava uma criatura monstruosa. Era um animal grande e forte como um touro, com seis patas, cabeça de dinossauro, crina flamejante, cauda comprida e peluda com um ferrão de escorpião na ponta. Tinha um único olho na face e, por trás dos dentes pontudos, três línguas, que eram serpentes falantes...

O monstro poderia ser assim, mas não; era bem pior. Tratava-se de um animal voraz, de pelos es-

curos, que se movia tão rápido que ninguém conseguia observá-lo diretamente. Como sua forma não era conhecida, a criatura causava muito mais medo que a outra, imaginada. Seus olhos vermelhos, flamejantes, moviam-se nas sombras e seus roncoss eram tão terríveis a ponto de ser preferível morrer a ouvi-los por muito tempo. Ninguém sabia a origem daquele ser: se era filho de alguma deidade maligna ou fruto de mistérios milenares nos quais é melhor nem pensar, pois se corre o risco de descobrir a origem do Universo. Aquela criatura assassina parecia ser a encarnação do mal, mas não entrarei em detalhes. Vale dizer apenas que vários heróis tentaram derrotá-la, sem sucesso.

Naia chegou à boca da gruta, já sentindo o terrível cheiro de sangue. Estava tudo escuro. O monstro provavelmente dormia em algum lugar por ali. Mais à frente, em um cômodo amplo, havia várias gaiolas penduradas e, dentro delas, os heróis que ali se aventuraram, mas tinham falhado: nem as espadas, nem os arcos, nem os grimórios, nem as lanças, nem as adagas, nem os machados tinham vencido a fera.

— Ei, menina! — chamou um dos heróis enjaulados. — Vá embora, não há o que fazer aqui! A criatura vai acordar!

— Eu sei disso, mas... preciso libertar vocês!

— Não! Vá embora logo, salve-se!

— Pare com isso! E, quanto a vocês todos, fiquem quietos! Tenho que descobrir como abrir essas grades antes de o monstro chegar.

— Não! Vá embora logo, salve-se! — alguém repetiu.

Essa fala, porém, não era do herói, e sim do sapo, que, da bolsa de Naia, engrossava a voz para convencê-la a sair dali quanto antes.

A menina procurou as chaves, cutucou os cadeados, forçou as barras, roeu as trancas, fez as coisas mais inúteis... Tentou, tentou, mesmo sabendo que, a cada tentativa, as chances de conseguir ficavam mais remotas. E seguiria tentando eternamente se a fera não tivesse por fim chegado.

— Mais uma que veio lutar comigo — falou a voz assustadora. — Depois de perder, saiba que ainda tem oito heróis na fila para serem devorados. Eu como apenas um por semana.

— Sou bem paciente — retrucou Naia, com desdém.

A criatura se armou para o combate. Por um momento, Naia arrependeu-se da ideia. No entanto, foi só um lampejo de pensamento, pois sua coragem — ou irresponsabilidade — superava todo

medo. Fazia muito bem, aliás, porque não pretendia fazer a loucura de disputar forças com aquele monstro. Em vez disso, já havia maquinado um plano genial para vencê-lo não com brutalidade, mas com astúcia.

— Eu já perdi, pode abrir uma das jaulas para mim. Prefiro ficar lá dentro lendo este livro maravilhoso que trago comigo. Pena que você não pode fazer o mesmo. É burrinho demais para entender qualquer história...

— O que está dizendo?! Venci todos esses heróis; logo, sou mais forte e inteligente que qualquer um deles, até mesmo que você!

— Pois eu duvido que entenda esta história aqui.

— Ora! Vou devorar você e esse maldito livro vermelho!

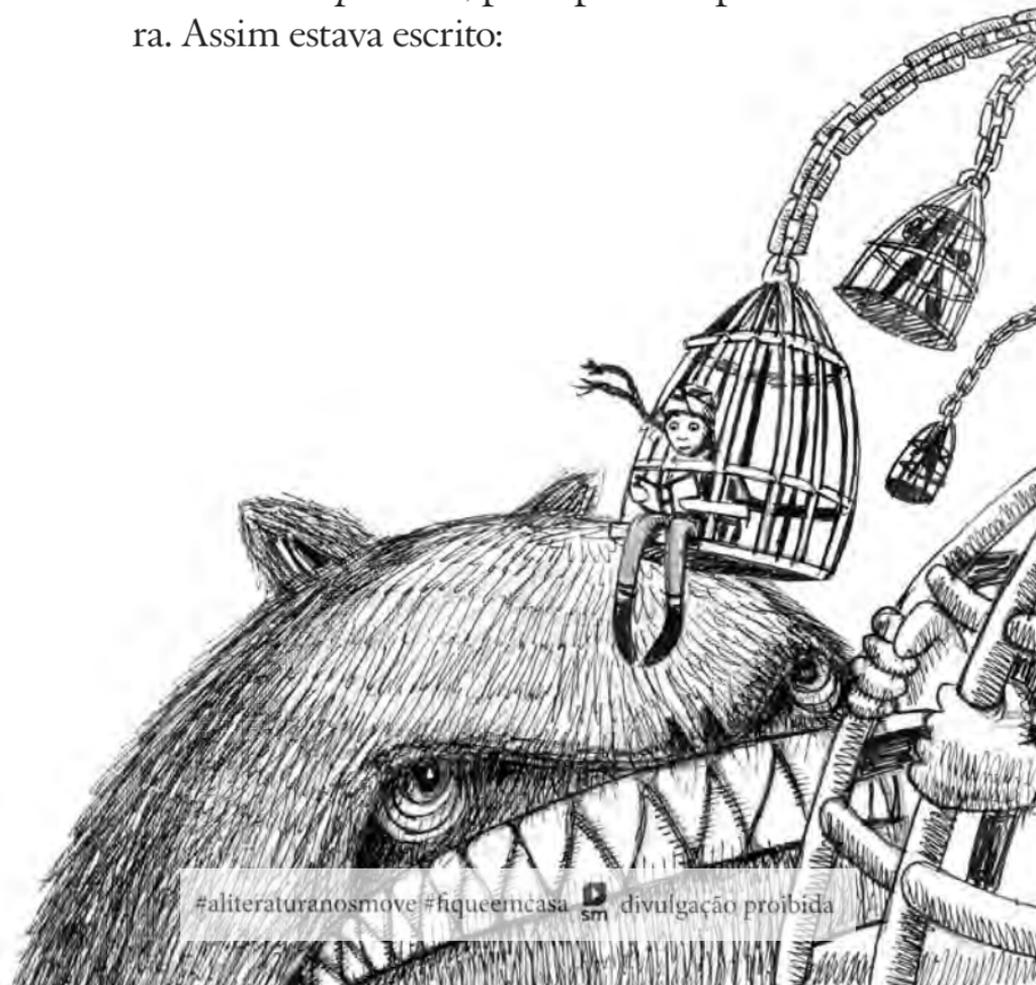
— Devorá-lo com os dentes é fácil. Quero ver devorá-lo com os olhos.

— Não admito que uma mortal duvide da minha capacidade! Me entregue logo o livro, que vou lê-lo e então devorá-lo, depois contarei a história para você e, em seguida, vou devorá-la também!

Naia lhe deu o livro. Você já percebeu, assim como eu e os oito heróis que observavam a cena em silêncio, que alguma armadilha estava armada ali. Talvez uma página do livro, a primeira ou

a segunda, estivesse adulterada com uma pitada daquele pó mágico tão poderoso... Será?

O livro abriu-se no centro da gruta e a grande criatura se aproximou, desconfiada. Naia já estava presa em uma gaiola, e todos os heróis, muito apreensivos com o que aconteceria a seguir. O monstro foi lendo devagar, leu mais um pouco e foi lendo, lendo sem parar, até os heróis notarem que ele nunca terminaria. Era como se ele estivesse em um *loop* eterno, preso para sempre na leitura. Assim estava escrito:



Era uma vez um monstro que vivia em uma gruta escura e sombria. Certo dia, veio até ele uma menina muito valente, que pediu ao monstro que lesse uma história de um livro vermelho. Ele aceitou, e assim estava escrito:

Era uma vez um monstro que vivia em uma gruta escura e sombria. Certo dia, veio até ele uma menina muito valente, que pediu ao monstro que lesse uma história de um livro vermelho. Ele aceitou, e assim estava escrito:

Era uma vez um monstro que vivia em uma gruta escura e sombria. Certo dia, veio até ele uma menina muito valente, que pediu ao monstro que lesse uma história de um livro vermelho. Ele aceitou, e assim estava escrito...

Melhor pararmos agora; já basta um preso nesse jogo sem fim. Naia, sem perder tempo, atirou o pó mágico nas grades, que imediatamente derreteram como gelo. Os heróis deram no pé o mais rápido possível, aproveitando a imobilidade da criatura.

— Muito bem, acho que isso conta — concluiu Naia.

— É, devo admitir que foi um tanto... heroico — resmungou o sapo. — E ele, vai ficar aí até quando?

— Até a história acabar, ora.

— Então boa sorte para ele...

Os dois saíram da gruta, deixando para trás a
fera, que lia, lia, lia...

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● TRÊS SACRIFÍCIOS

— SOU UMA HEROÍNA. O que mais preciso fazer?

— Muito bem, se pudéssemos aplaudir, o faríamos. Ainda bem que não podemos; uma humilhação a menos. De qualquer modo, a congratulamos. Mas não precisava chegar a tanto para se tornar heroína.

— E só agora você me avisa?

— Cada um encontra a própria forma de heroísmo. Bastava considerar-se heroína e nós também a consideraríamos. Enfim, agora todos a consideram, menina, tanto nós como você mesma, então podemos prosseguir. Há regras específicas para ajudarmos você. O que deseja saber?

— Bom, apenas uma resposta não me deixará satisfeita. Quero uma que me leve a muitas outras. Por isso vou perguntar: qual é o caminho para o Grande Sábio?

— Muito bem, já que está tão determinada,

chegou a hora dos três sacrifícios: dinheiro, tempo e conforto. Vejo que possui muitas moedas de ouro; dê-nos todas. Não importa a quantidade, e sim a totalidade; o que vale é a intenção, até mesmo um mendigo poderia fazê-lo. Azar o seu ter tanto dinheiro aí.

Meio a contragosto, Naia depositou na fonte todas as moedas que tinha.

— Agora você deixará de existir por uma hora; esse é o sacrifício de tempo. Pode parecer pouco, e isso se dá porque os mortais normalmente não fazem ideia de quanto vale cada segundo. Somente a existência da morte torna qualquer fração de tempo incompreensivelmente valiosa; aqueles que não a têm em vista não conseguem mensurar esse valor.

E assim foi feito.

— E agora vamos ao terceiro sacrifício... Bem, esse é mais complicado. A única forma de sacrificar conforto é sofrendo. Você dormirá por cinco minutos, mas sonhará com tudo de ruim. Serão seis meses num reino de dor, medo, sofrimento, desesperança e tudo o mais.

Naia ficou terrivelmente amedrontada. Mas talvez não fosse tão difícil de vencer, pensou. Não para ela.

— Entendi mais ou menos. Serão cinco minutos de sono, que durarão seis meses dentro da minha cabeça? E tudo ocorrerá no plano mental, sem nenhum dano físico em mim?

— Sim, isso mesmo.

— Eu vou.

— Não vai, não! — O grito não veio só do sapo, mas também do lunático, que ressurgiu flutuando.

— Eu já conheci seres que fizeram esse trato e foi realmente ruim! Muito, mas muito ruim mesmo! — alertou ele.

— Deixem comigo, já pensei em tudo.

Claro que sim! Naia não só era espertinha, mas dispunha agora de uma inteligência lógica muito aprimorada. Vocês devem se lembrar da rápida visita dela à casa da bruxa, onde comprara, entre várias coisas inúteis, uma poção útil. Enfim, aquela passagem teria ficado de fora da história, mas não ficou, pois, como disse antes, chegaria a hora em que ela teria importância. É agora.

— Se me permite perguntar, qual é o efeito disso? — indagou o sapo, enquanto ela abria o frasco.

— É uma poção de amnésia, que apaga da memória a última e a próxima hora a partir do momento em que for bebida. Isso engloba os cin-

co minutos de sono, que parecem ser seis meses. Como o sofrimento existirá apenas na minha cabeça e em nenhum lugar mais, se eu apagar a memória, apago o sofrimento.

Então ela a bebeu e de sua mente tudo foi apagado, até o acordo feito. Nada aconteceu, apenas uma lembrança, que foi esquecida. Para Naia, houve nada mais que um lapso de memória. Por mais terrível que tivesse sido sua estada de seis meses naquele reino do sofrimento absoluto, não o foi para ela.

Seu plano havia sido tão ousado que chegava a ser assustador. O sapo ficou em silêncio e o lunático sumiu de novo.

● BELO MAR

A ÁGUA DA SABEDORIA foi bebida na fonte, as instruções dadas, os caminhos desvendados, as rotas traçadas. A resposta não é a solução, apenas o direcionamento. Naia ainda teria de viajar por x veredas, atravessar y pontes, subir z montanhas e atravessar 1 mar. Ora, ela alegrou-se ao ver que nessa complexa expressão matemática não havia apenas variáveis, mas uma constante e, para sua alegria, a mais simples que poderia ser: o 1.

No entanto, a matemática não é tão exata quanto se diz por aí. Podemos resumir x , y e z na palavra “caminhada”, como já fizemos tantas vezes, mas a esse 1 dedicaremos um capítulo inteiro, mesmo que bem curto. Afinal, “mar” é quase um superlativo.

— Acho que sapos não podem nadar na água salgada — disse o sapo, observando, pelo convés do navio, a imensidão do mar.

— Eu não arriscaria se fosse você.

— Por quanto tempo vamos navegar? O que o mapa diz?

— Não sei, já saímos do limite do mapa. Podemos a qualquer momento chegar a outra terra... ou ao Fim do Mundo...

● A TORRE DE MARFIM

O NAVIO ATRACOU EM OUTRA ILHA. Naia estava muito grata por ter conseguido embarcar mesmo sem dinheiro para pagar a travessia. Já sei o que está pensando, porém não se preocupe: você não foi o único a se surpreender quando eu disse “outra” ilha. Até então, ninguém sabia que os lugares de onde Naia e o sapo vieram faziam parte de uma mesma ilha gigantesca, mas assim o era, como muitas coisas que pensamos ser de um jeito e são de outro.

As duas ilhas, entretanto, eram grandes o bastante a ponto de serem confundidas com continentes — ou com qualquer outra palavra que defina uma quantidade de terra no meio da água. As escalas se confundem nos termos.

Outra ilha, outras descobertas. O marinheiro sentiu pena de Naia porque ela vomitara três

vezes no convés de sua embarcação e não julgou direito deixar uma menina tão frágil se aventurar assim, sem um tostão no bolso. Por isso, antes de sua partida, deu-lhe alguns presentes: um sanduíche de mortadela, duas moedas de prata e um par de botas mais confortáveis para caminhada. Claro que essa caridade não era gratuita; se não fosse reembolsada ali, seria acolá — os próximos viajantes por certo pagariam o dobro do preço normalmente cobrado.

Outra ilha, outras descobertas — desta vez, sem mudar de assunto. Os coqueiros e palmeiras eram altos e esparsos, muito diferentes de tudo o que Naia já vira, assim como o canto dos sabiás. Mais à frente, ainda seguindo as instruções dadas pelos rostos-de-pedra-que-tudo-sabiam, o terreno tornou-se mais seco e acidentado, com plantas estranhas, se não exóticas, animais engraçados, rochas maravilhosas. Sim, é possível que uma rocha seja maravilhosa. Não teime, já disse que é.

Naia e o sapo puseram-se a viajar. Cinco milhas de caminhada ao sol, cortando campinas, passando por árvores e mais árvores, andando por um caminho esparsos que parecia não levar a lugar algum... lugar algum... algum lugar...

No horizonte, uma enorme torre erguia-se por

trás da cortina dourada da névoa matinal. Era tão alta que, quanto mais os olhos subiam, mais fina ela parecia ser, desaparecendo céu adentro, primeiro como uma estaca a cortar as nuvens, depois como um graveto, um fio, um nada... Aquela visão desafiava os limites, ignorava o firmamento; impossível discernir em que ponto a torre deixava de ser visível. Seu desaparecimento, como tudo, era apenas impressão: sua estrutura cilíndrica tinha milhares de côvados de diâmetro (tão larga que, onde havia curvatura, o olho humano percebia não mais que uma parede reta) e andares regulares.

A torre não estava propriamente no caminho que Naia devia seguir, mas, mesmo assim, ela iria até lá. Aproximar-se-ia e constataria que a matéria-prima não era pedra, nem cimento, nem madeira, mas marfim. Veria que a colossal estrutura estava sempre aberta a quem quisesse entrar; contudo, nem todos tinham audácia para tal, já que cada andar, a contar do primeiro, era um labirinto de corredores sem fim, impossível de explorar em um só dia. Naia, entretanto, insistiria. E, para encontrar as escadas que davam para o segundo piso, levaria um tempo menor que os homens adultos. Descobriria que dali seria mais complicado pros-

seguir, pois o andar possuía passagens com portas e mais portas, quebra-cabeças e desafios de lógica. Ela, com esforço, encontraria as escadas para o terceiro piso, cuja dificuldade dos desafios cresceria exponencialmente em relação aos anteriores. “Pouquíssimos seres vivos chegaram ao quarto andar”, constataria ela, com orgulho, ao ver o aspecto sublime e intocado deste. Semanas se passariam, depois meses e anos, enquanto ela venciam os andares, embora da janela percebesse quão perto ainda estaria do chão... E pensaria, dia após dia, quando estivesse mais ou menos no milésimo ducentésimo quinquagésimo sexto andar, erguendo-se infinitamente na vertical, cada vez mais devagar, cada vez mais cansada, que uma torre tão grande, tão eterna e tão desafiadora devia estar ali por algum motivo. E ela faria...

Mas não fez, e o futuro do pretérito torna-se mais um braço desta história, um braço hipotético, imaginativo. Naia seguia seu caminho, observando a torre ao longe, enquanto questionava as razões de sua jornada. Seriam elas necessárias mesmo?

E quanto ao topo da torre? Uma hipótese é que os andares seriam infinitos para a subida parecer ainda mais inútil e, por consequência, a caminhada na horizontal se tornar incontestavelmente a

escolha mais apropriada. Se, por esse raciocínio, o topo não existia, finjamos que a estrada, ou seja, o resto da viagem e da história (principalmente seu fim) nada tenha de hipotético. O mundo, afinal, cobra-nos utilidade.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● DESARGUMENTOS

E A JORNADA PROSSEGUIA. Afastando-se mais do litoral, Naia e o sapo avançaram para o interior do continente até depararem com uma floresta fresca e sombreada que, de um modo ou de outro, lhes era familiar. Para ela, a viagem tornava-se mais intensa a partir de agora: a sensação de deixar o passado para trás se firmava e, paradoxalmente, as coisas já não lhe pareciam tão extraordinárias. Cada passo dado era duplamente ousado, não só pelo fato de estar se distanciando de casa, mas porque teria de repeti-los, um por um, caso quisesse voltar. Estavam longe, cada vez mais longe, e Naia sentia-se cada vez mais sozinha...

Seguindo as indicações pelas trilhas, andando em meio a borboletas coloridas durante o dia e de vaga-lumes à noite, a menina ultrapassava tocos de árvore cobertos de musgo, pedras que abrigavam todo tipo de insetos, tocas escuras que cinti-

lavam olhos misteriosos, colmeias que pendiam dos galhos, aglomerados de bambus que gotejavam orvalho, libélulas de voo pesado e enormes flores que respiravam, arrotavam, tossiam e espirravam tão forte que a lançavam de um lado a outro...

Depois de muito andar, encontrou um homem velho apoiado em um cajado, pastoreando um grupo de cinco ou seis unicórnios de pelos branquíssimos. Eles caminhavam com tal imponência que pareciam divindades — não das poderosas, e sim das dóceis.

— O senhor é o Grande Sábio?

Ele riu.

— Não, é meu primo.

Conversaram um pouco e ele contou à menina sobre a natureza daqueles seres, daquelas terras e da do tipo de magia que ocorria ali.

— Quanto falta para o fim da floresta? — perguntou Naia.

— Ah, esta floresta é enorme... — respondeu o velho, dando de comer uma maçã a um de seus animais. — Talvez a caminhada dure dias e dias...

— E para chegar ao Fim do Mundo?

— Umas dez vezes isso.

Não duraria, não! Não com ela, não em uma

simples caminhada. Sempre há formas mais inteligentes.

Despediram-se e Naia retomou seu caminho. O sapo, que já havia gastado suas reservas de energia, dormia em sua bolsa. Logo a menina vislumbrou adiante uma árvore altíssima, tão alta que não se dis-



tinguia o topo, em cujo tronco havia uma porta com uma placa em que se lia “Ninho”. Ela entrou, subiu uma longa escadaria em espiral pelo interior oco até sair por uma porta sobre um galho, quase nas nuvens. Caminhou com cuidado até a ponta dele, onde deparou com um enorme ninho repleto de ovos gigantes. Não ousou tocar neles, apesar de tentada a fazê-lo, pois a mãe poderia estar por perto — e, com sorte, estaria. A espera foi de apenas alguns minutos.

— Quem é você? — perguntou a gaviã gigante, pousando sobre os ovos.

— Meu nome é Naia, muito prazer. E a senhora, como se chama?

A ave não respondeu.

— Suas penas, asas e garras são muito bonitas — elogiou a menina.

— Sim, sim, e você tem sorte de eu não te jogar daqui de cima. Ninguém te ensinou que é loucura invadir assim um ninho de gavião assim?

— Eu sei, mas a senhora deve saber por que estou aqui!

— Não sei, diga.

— Ora, vai me levar para a saída da floresta!

A ave piscou os olhos, atônita.

— Como assim?! Por que eu faria isso?

— É muito longe para eu ir andando.

— Isso não é problema meu.

— Mas é problema meu! — disse Naia, como se o argumento da gaviã fosse incoerente. — Você tem que me levar.

— Isso não faz sentido para mim. Não vou ganhar nada te levando até lá.

— A senhora tem que me levar!

— Mas nem te conheço... Teria muito trabalho para nada!

— A senhora tem que me levar!

— Dê-me motivos claros para que eu faça isso.

— A senhora tem que me levar!

— Como vou deixar meu ninho aqui, sozinho? Não posso.

— A senhora tem que me levar!

— Eu não devo nada a você!

— A senhora tem que me levar...

— Já está ficando tarde, não costumo voar a esta hora.

— A senhora tem que me levar...

Por fim, a ave baixou a cabeça e deixou Naia subir em suas costas. Levantaram voo sobre a floresta mágica, indo cada vez mais alto. Subiram até vislumbrarem de longe as montanhas e os lagos, as coisas miúdas lá embaixo, os caminhos enraizando-se como um complexo sistema humano incrustado no mundo. Era tão bom voar assim, cada vez mais veloz, por várias camadas de nuvens, nas costas de tão majestosa ave, ao lado de outras menores, mas não menos belas, como o pássaro azul que havia muito acompanhava Naia e ela nunca vira tão de perto...

Dos muitos argumentos que a gaviã havia utilizado para defender seu lado, nenhum deles foi mais forte que a indolente, impertinente e irritante teimosia de Naia. Essa jogada poupou-lhe muitas léguas de caminhada (palmas para sua as-

túcia), pois bem se sabe que, em uma discussão, estar certo é a última coisa que leva alguém a sair vitorioso. Deixemos Naia com mais essa vitória e torçamos por ela, apesar de que poupar muitas léguas de caminhada talvez não seja algo tão vantajoso em nosso caso...

Mas voar é tão bom!

● OS POVOS

A GAVIÃ POUSOU NOS LIMITES da floresta, que já se mostrava bem menos densa. Naia desmontou dela e alongou-se.

— Obrigada — disse e deu-lhe um beijo no rosto.

— Não há de quê. A partir daqui terá que caminhar por aquela trilha. Agora devo voltar ao meu ninho.

A ave sumiu no céu e a menina sentou-se de baixo de um pé de laranja-lima, de onde esperou passar a chuva que começava antes de Naia prosseguir viagem.

Veremos agora como a proporção do livro não é a mesma da história, apesar de comumente elas se confundirem. Nós poderíamos, por exemplo, gastar trinta capítulos para narrar uma caminhada de trinta minutos, pois assunto sempre há. Faremos então a proporção oposta: usaremos

apenas um capítulo para narrar um trecho longo de viagem, que duraria dias, semanas, talvez anos.

Pois bem, essa parte longa da viagem rendeu a Naia muito cansaço, muita sede e também muitas novidades. Não precisamos passar por isso. Poderíamos sem medo dizer que este é o capítulo mais rico do livro, o que tem mais coisas maravilhosas por letra quadrada. Sabemos, contudo, que isso não faz com que seja necessariamente o melhor. É a velha e infundável discussão entre forma e conteúdo.

Ora, vamos à viagem em si. Naia caminhou centenas de quilômetros e conheceu cidades e povos incríveis, muito receptivos, cada um a sua maneira. Passou por um belo reino no meio do deserto, cujo rei e cujas princesas eram belos e bondosos e onde havia torres, fontes e camelos em profusão. Teve contato com monges das montanhas que se vestiam de azul e tinham o hábito de tomar chá enquanto observavam o mundo lá do alto. Topou com uma tribo que trajava peles de urso e lobo e adorava a guerra. Conheceu uma civilização das planícies profundamente culta, que via o mundo de um modo “muito inteligente”, segundo ela. Deparou com povos que viviam nas profundezas do subterrâneo, onde rubis e safiras podiam ser

catados como pedrinhas pelos túneis, e com muitos outros que moravam nos pântanos, nas praias, nos montes...

As línguas tinham complexidades diversas e influenciavam as formas de ver o mundo, bastante variadas. Em uma cidade visitada por Naia, por exemplo, os habitantes chegaram ao consenso de que $1+1=3$, e realmente acreditavam nisso. Ela conheceu também todo tipo de arte e poesia. Chegou a pensar que, se lhe faltasse conhecer uma dessas culturas, sua viagem teria sido em vão; e partia-lhe o coração saber que sempre haveria alguma ainda por conhecer, o que tornava tudo isso, em última análise, triste.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● O (QUASE) FINAL

E A VIAGEM SEGUIA POR CAMPINAS intermináveis que se esticavam no horizonte quase a perder de vista. A impressão era a de ser o extremo do mundo, um lugar completamente isolado e inabitado, onde até a luz do sol parecia ter uma relação mais íntima com a terra — o tipo de paisagem que só se entende estando lá (que bom que estamos, um privilégio raro).

De repente, Naia ouviu um chamado:

— Menina — era uma coruja pousando em uma pedra —, lembra-se de mim?

— Claro! A senhora me orientou a ir aos Jardins Sagrados...

— Pois bem, e agora venho de longe te avisar: além daquelas pequenas colinas, encontrará o local onde o Grande Sábio cumpriu seu destino. Chegando lá, procure pelo bibliotecário. Adeus e boa sorte!

Bateu as asas e desapareceu no céu.

Naia descansou por cinco minutos e voltou a andar. O sapo acordou sem saber direito onde estava (que sono longo!).

— Bom dia... Estamos chegando a mais uma cidade?

— Não, amigo. Parece que estamos perto de cumprir nossos objetivos.

O sapo arregalou bem os olhos (que já não eram pequenos).

— Quer dizer que o Grande Sábio está por aqui?

— Tomara que sim...

Ao fim das campinas, era possível avistar as colinas. Desceram uma e subiram a próxima, levando quase toda a tarde para percorrer essa distância. Quando foram descer a seguinte, viram, ao longe, uma grandiosa construção de pedra. Conforme se aproximavam, puderam notar os belos detalhes da arquitetura. Deram a volta no edifício até encontrar a porta: nela, um grande rato vestindo armadura montava guarda.

— Ei, ei! O que quer aqui?

— Desculpe-me, senhor rato, mas que lugar é este?

— A Biblioteca, o que mais poderia ser?



- Será que eu poderia ver o bibliotecário?
- Sabe quão irritante é responder a uma pergunta com outra pergunta?
- Não notou que faz o mesmo?
- E você não percebe que o trabalho do guarda é justamente perguntar?
- Pois saiba que eu gosto mais de fazer perguntas que você!

- Quer apostar que não?
- O que vamos apostar?
- Tem algo que possa me interessar?
- Gosta de sanduíche de mortadela?
- Gosto, principalmente com ketchup.

Naia, muito espertamente, havia se lembrado de que ouvira em algum lugar sobre o rato que costumava roubar comida: foi aí que soube como convencê-lo. O rato, então, a guiou pelo interior do prédio. Os corredores eram decorados com tapetes de camurça e cortinas de seda. Havia inúmeros andares, com escadas que se erguiam desordenadamente umas sobre as outras, iluminadas por tochas esculpidas, e vários pátios jardins. Naia não era capaz de contar os tantos objetos de cerâmica, as esculturas, as pinturas, as partituras e, principalmente, os infindáveis livros dispostos em prateleiras, espalhados pelas varandas e patamares. Apesar da aparente aleatoriedade decorativa, ela podia sentir de algum modo que tudo guardava uma perfeita e complexa ordem superior.

Segundo o rato, ele e o irmão eram os responsáveis por cuidar daquele patrimônio místico, isolado e quase nunca visitado. Naia não ousou perguntar quanto tempo ambos viviam ali, pois,

apesar de curiosa, não era tola. Algumas respostas às vezes assustam.

— Bem-vinda, minha jovem, sou o bibliotecário — disse o pardal, irmão do rato.

Ele vestia uma capa cor de vinho de longuíssimas mangas e usava óculos redondos sobre o bico.

— Estávamos esperando você — completou.

— Onde está o Grande Sábio? É com ele que quero falar. É você?

— Oh, não! Falará com ele, mas antes precisa tornar-se como ele.

— Como assim?

— Somos os guardiões deste lugar — explicou, apontando para o rato de armadura. — Bem-vinda ao centro de conhecimento do mundo. Tudo aqui está distribuído de maneira organizada em cada uma das centenas de milhares de páginas que nos cercam. Os livros não foram escritos por mãos humanas. Na verdade, nem sequer foram escritos; eles simplesmente são. Nosso trabalho, ao contrário do que as pessoas pensam, não é proteger este lugar, e sim apresentá-lo. Pena que pouquíssimos chegam até aqui. Estamos surpresos de alguém tão jovem ter conseguido. O Grande Sábio, aliás, foi um desses poucos, há algum tempo.

— E o que aconteceu com ele? — indagou Naia.

— Bem, sempre se paga um preço para saber certas coisas. Conhecer totalmente um mundo requer deixar de fazer parte dele. As pessoas daqui não compreendem mais você: nada do que elas disserem fará sentido, e vice-versa. É a velha frase que volta com sentido mais forte: o preço que se paga por estar um passo à frente é andar sozinho. Aqui é o fim da linha, menina; basta ler todos os livros, começando pelo quinto corredor à esquerda.

— Como assim deixar de fazer parte dele? O que aconteceu com o Grande Sábio? Quero que você e seu irmão leiam primeiro esses livros mágicos para eu ver se são seguros.

— Meu irmão não sabe ler. E eu, coitado de mim, já li todos esses livros, com exceção de um. Isso porque não tenho o direito de conhecer este mundo completamente, já que minha função é permanecer aqui. Você não imagina por quantos anos resisti à tentação de ler aquele livro...

— E o que acontece com quem ler tudo da Biblioteca? — perguntou o sapo, desconfiado.

— Deixa de fazer parte do mundo, já disse. Como isso se dá, é outra história. Cada um faz a seu modo. O Grande Sábio tornou-se um pássaro, sem o dom da fala, porque preferiu continuar por aqui, mesmo a esse preço.

— Pelo menos enfeita o céu com sua bela plumagem — afirmou o rato.

Naia lembrou-se do pássaro azul que a acompanhara pelo céu desde o Vilarejo.

— Então é isso, tudo foi dito. Sua busca acaba aqui, menina. As viagens chegaram ao fim. Não era isso que queria? Fique à vontade para começar a ler. Eu posso ver em seus olhos que... Não, não! Você é diferente...

— Acho que sim — disse Naia. — Podem ficar com seus livros. Não acredito que possa conhecer tudo dessa maneira, mesmo porque não teria graça. Quero aprender de outro jeito. Aliás, li o mesmo livro durante anos e nunca cheguei ao fim. Dei de presente a um monstro, que, por sinal, deve estar lendo até hoje...

Conversaram sobre outras coisas até que Naia se despediu, e por pouco nossa história não termina por aqui. Muito pouco... Pelo menos a visita não foi em vão: ela ganhou de presente um exemplar daquele livro misterioso, o mais importante de todos, que o pardal nunca lerá, e ela, certamente, sim, mesmo que nunca chegue ao final (já que um livro, quando termina, não existe mais). E por muito pouco não nos despedimos de vez...

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● A TERRA DAS NOITES ETERNAS

O PÁSSARO AZUL AINDA CIRCUNDAVA o céu sobre a Biblioteca quando Naia retomou seu caminho interminável. A sua direita, ia o fluante lunático, e em seu ombro descansava o sapo preguiçoso, mas que se tornara, pela força da insistência, uma companhia fundamental na jornada. Embora não quisesse olhar para trás, ela o fazia mesmo assim, e também para os lados, para cima e para baixo. O tempo esfriava rápido demais, e em pouco tempo o solo estava coberto de uma fina camada de gelo, coisa que nenhum deles nunca tinha visto. Rasgavam o mundo conhecido, passando dos limites, furando as bordas dos mapas. Caminharam tanto pela curvatura da Terra que chegaram a um ponto onde o sol não mais atingia o solo e tudo não passava de escuridão quase absoluta, uma morada de sombras, neve e melancolia.

O sapo era um reservatório de murmúrios e lamentações, pois, segundo ele, melhor teria sido ser esquecido no fundo de uma lagoa do Caminho Molhado que congelar em um lugar tão triste e longínquo. Naia, em 99% do tempo uma garota mandona, atrevida e de personalidade apaixonante, admitia agora estar com medo. O lunático sentou-se em seu ombro, com as mãozinhas brancas encolhidas, os olhões tremeluzindo grandes lágrimas — afinal, estava a ponto de deixar o próprio mundo que criara.

— Calma — disse Naia —, ainda tenho um terço do pó mágico aqui; é o suficiente para nos protegermos por enquanto.

A ameaça se fez presente um pouco mais adiante, quando eles foram cercados por uma matilha, e os lobos obrigaram a menina a espantá-los com um feitiço pirotécnico. Apesar do aspecto assustador dos animais, com a boca arreganhada e salivante, os três ficaram aliviados ao constatar que ainda havia vida por ali.

Logo chegaram à Floresta Negra, cujas árvores gemiam e se contorciam em formas apavorantes nos troncos e raízes, abrindo brechas para que a imaginação já amedrontada dos viajantes criasse nelas formas ainda mais aterradoras. Foram tam-

bém assombrados por alguns fenômenos que preferiam esquecer.

— Quanto mais avançamos, mais assustador fica — resmungou o sapo. — Certamente o pior estará a dois quilômetros à frente...

Não estava. Passado esse trecho, chegaram a uma terra que, ao contrário do que imaginavam, tinha um sol nascente, dois ao meio-dia, dois poentes e três que estavam sempre lá, mesmo à noite. Era um lugar privilegiado, do qual, apesar de estar abaixo do mundo conhecido, ou do outro lado da curvatura, despontava um majestoso arco-íris e que era cortejado por luas e estrelas, por auroras intensamente verdes, amarelas e azuis...

E, montada nas costas de uma tartaruga gigante, Naia cruzou aquela terra maravilhosa na companhia de seus amigos.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● OS DEFEITOS

AINDA EM TEMPO, ENXERTAREMOS aqui um assunto, pois a viagem é longa e uma tartaruga anda muito devagar:

Muito justo seria encher dois capítulos com reflexões sobre a própria arte de fazer capítulos. Não tivemos prólogo nem teremos epílogo, porque nada aqui segue a ordem que você gostaria de ver, então ocuparemos esses dois espaços em algum lugar aleatório. Tudo é proposital, ou não... Começaremos destacando os defeitos, já que assim manda a modéstia. Este livro não tem norma, não obedece à estrutura introdução/desenvolvimento/clímax/desfecho, não traz uma mensagem bonita no final, tampouco uma no início ou no meio, mesmo que feia. Não segue em sua extensão a proporção 1-1-2-3-5-8-13-21-34-55, nem ao menos tem capítulos de tamanhos regulares. O narrador é intrometido, mentiroso,

e costuma fazer promessas vãs, como a do capítulo “Não”, no qual prometeu um poema (promessa que, por acaso, não será cumprida). Na capa do livro há o desenho de um personagem que nem aparece na história, coisa que com certeza você não tinha notado. Os fatos às vezes não seguem uma ordem cronológica, nem ao menos se preza uma coerência de ideias, se é que há alguma. Os assuntos que se abrem não se fecham, ficam soltos, rebeldes, saltitantes e irritantes como sacis. A menina ganhou três sementes mágicas para serem usadas no decorrer do livro, mas, em vez de usar uma no início, outra no meio e a última no fim, duas são utilizadas logo no começo, enquanto a terceira ainda não foi nem será. Naia ganhou um presente que carrega até agora sem abrir. O tempo é desproporcional, e as distâncias, contraditórias. O sapo mais dormiu que ficou acordado. Os objetivos mudam a todo instante e, mesmo que não o fizessem, são inúteis. Os personagens não fazem sentido: não existe um vilão, e o herói, se houver, é bem fajuto. Admite-se desde o início que tudo é uma grande mentira — a narrativa nem se dá ao trabalho de tentar enganar ninguém com uma dose de verossimilhança. Por fim, este livro é tão descarado que tem um

capítulo dedicado para falar mal de si mesmo e rir do leitor que foi procurar o personagem intronmetido na capa (e perder tempo sem encontrá-lo, porque ele não existe).

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● AS QUALIDADES

SE VOCÊ CHEGOU ATÉ ESTA PÁGINA, talvez seja mais qualificado que o próprio narrador para falar das qualidades deste livro.

Não quer tentar?

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● O LIMIAR

A TARTARUGA MOVEU-SE PARA O LADO, a fim de fazer o retorno, e Naia saltou de seu casco, agradecendo-lhe a carona. (Mas de onde veio essa tartaruga, afinal?)

Nossos viajantes chegaram a um novo lugar. Não vou descrever esse cenário, porque, embora as diversas paisagens do mundo sejam muito diferentes entre si, as palavras para descrevê-las são as mesmas. Portanto, se quiser saber como é o lugar, volte a uma página qualquer e releia, ou abra outro livro que contenha um relato de paisagem e leia. De todo modo, saiba que essa não é igual àquela que você lerá. O Vilarejo, por exemplo, lá no começo da história, pode ser descrito como a sua cidade (sim, a sua), mas tenha certeza de que ele é melhor. E o local aonde Naia acabou de chegar o é ainda mais, ao extremo. Aliás, “extremo” é uma boa palavra para as circunstâncias.

Dentre todas as coisas belíssimas do lugar, o céu foi o que mais chamou a atenção deles. Não somente por causa da beleza dos sóis, das estrelas e das luas, e sim pelo fato de que nenhum pássaro ali voava. Nem o azul.

Havia uma singela estaca de madeira com três placas, provavelmente as últimas das tantas já vistas nessa jornada. A primeira delas, apontando para a direção de onde vieram, dizia “Retorno ao Mundo”. A segunda, apontando para o outro lado, indicava “Lago Nex”, apenas isso, sem mais explicações (e assim permanecerá, pois Naia tinha outros planos). E, finalmente, a terceira, apontando para frente, declarava com toda a simplicidade “Fim do Mundo”. Sem dizer uma palavra, mas pensando em milhares delas, a menina decidiu checar esse lugar tão último. Quando se pôs a andar na direção que apontava a placa, ela percebeu que o sapo e o lunático hesitaram.

— Naia... Tem certeza? Prefiro ficar.

— Ah, sapinho, deixa de bobagem!

— É sério. Já vivi mais aventuras do que poderia sonhar lá no pântano. Nessa longa jornada, conheci lugares incríveis, vi coisas fantásticas, me diverti muito, mas o Fim do Mundo definitivamente não é para mim...

Ela voltou-se então para o lunático.

— Bem, eu não posso abandonar o mundo que criei — justificou ele. — Foi muito bom conhecê-la e, de alguma maneira, participar dessa história. Boa sorte, menina!

Em seguida, piscou os olhos cintilantes, como se despedindo, deu uma cambalhota fofa no ar e sumiu no espaço.

— Pelo visto vou ter que me virar sozinha...

O sapo abaixou a cabeça, parecia um pouco envergonhado.

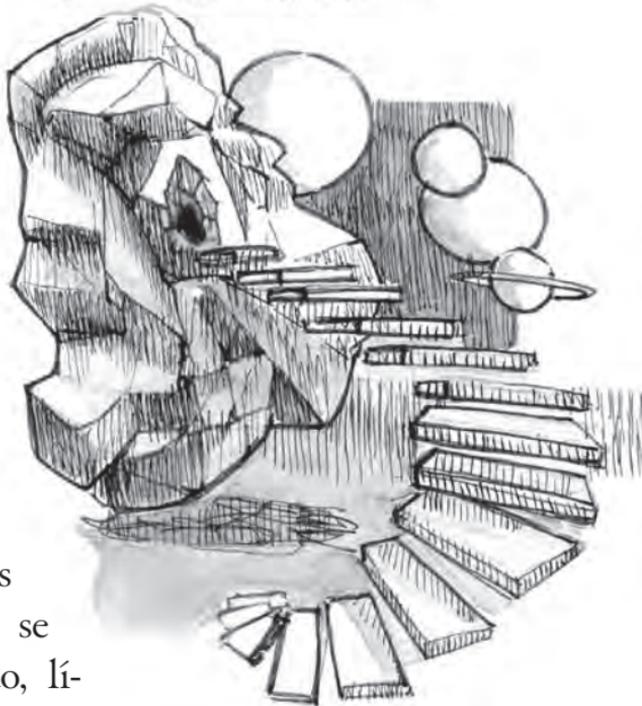
— Imagine só quantas coisas você vai perder, sapinho! E, além do mais, o que vai fazer por aqui? — completou ela.

O sapo continuava de cabeça baixa. Ela o colocou na palma da mão e o trouxe para bem perto.

— Então é isso. Está mesmo decidido, não é? Não precisa ficar envergonhado. Vou sentir sua falta, sabia? Você é um grande amigo, um grande sapo. Pra mim, o maior do mundo. Foi muito bom ter você comigo nesse tempo todo.

Ela recolocou o companheiro pegajoso no chão com cuidado. Ele permaneceu ali, debaixo daquelas placas, entre atônito e emocionado, enquanto Naia, sempre incansável, seguiu para o Fim do Mundo.

Depois de uma longa caminhada, ela deparou com uma espécie de praia, onde a areia fazia limite com um mar — no sentido metafórico, talvez, pois é difícil definir se aquilo era sólido, líquido, gasoso ou plasmático.



Naia começou a atravessar o limite, com cautela, tocando com a ponta do pé a substância que se movia feroz sob ela e tinha um aspecto não muito constante, mas podia suportar seu peso sem que ela afundasse. Era como se a matéria, à medida que se aproximava daquele limiar, perdesse seu estado físico e sua constância espacial. No horizonte, à frente, uma imensidão sideral de cores estranhas cintilava. Impossível saber se aquilo era o fim do mundo, ou o começo dele, ou ambas as coisas, pois os gases iam e vinham do firmamento, espalhando-se de cá para lá e juntando-se de lá

para cá. Tudo se projetava ao infinito, mesclando-se ao cosmo, e depois retornava de modo coerente. Assim o mundo era sustido.

— Que espetáculo! — exclamou.

Belo e assombroso.

Seguindo o fluxo de inconstância e incoerência, via-se uma forma curiosa manter-se no limiar: uma rocha enorme, estranhamente sólida, apesar das extremidades que se desmanchavam e pareciam não ter fim. Degraus flutuantes levavam até sua entrada, uma espécie de gruta, que Naia verificou ser o único caminho possível a seguir, pois tudo o que ia além parecia tão tempestuosamente incerto que era impossível qualquer tipo de consciência adentrar sem se despedaçar.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● ENTRADA (OU SAÍDA?)

FELIZMENTE, NARRADORES são incorpóreos o suficiente para se reestruturarem e voltarem felizes ao fluxo normal da narrativa mesmo depois de dilacerados pelo eixo do Universo. Cá estou eu de novo. Retomo a história, que, apesar de tão perto do fim, não parece acabar. Não tenho mais como mentir: você pode perceber pelas poucas páginas que restam do livro. Mas será que a história realmente termina?

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● O TEMPLO DOS TEMPOS

DENTRO DA GRUTA, NAIA DESCEU uma escada a princípio estreita, mas cujos degraus se alargavam conforme seus passos. O interior daquele lugar, na verdade um templo, era magnífico: uma mistura de arquitetura talhada por inteligências de gosto estético transcendente e formações minerais nunca vistas antes. Ao fim da escada, a menina viu-se em um chão plano, cercado de pilastras transparentes que sustentavam as formações rochosas. Havia escadarias para outros patamares, portais emoldurados por arcos, pontes e caminhos se completando, tudo, porém, de forma perfeitamente geométrica e regular; era como se todas as coisas fossem feitas de cristal, gelo ou diamante. O contraste entre algumas paredes de pedra bruta e as estruturas perfeitamente lisas e simétricas era estonteante; havia cabeças de leão esculpidas e pepitas enormes sustidas em altares.

O ambiente era luminoso, de tom azulado e brilhante, com formas refletindo e retraindo luz. Muitos aquedutos levavam água cristalina, passando por uma infinidade de cachoeiras e fontes, enchendo piscinas perfeitamente quadradas e retas, depois se dividindo em caminhos simétricos, então enchendo piscinas menores e formando outras quedas-d'água... A transparência da água confundia-se com a translucidez do próprio lugar.

Naia andou uns quinze minutos por ali, extasiada, observando o local. Um passeio de fato formidável. Havia um som agudo constante ao fundo, porém pulverizado, como se os minerais falassem — ou melhor, cantassem. Era como o ruído que nossa mente faz quando estamos em silêncio absoluto.

O templo era muito antigo (quem vai saber quanto?), mas tinha o aspecto de novo, tão novo que nem parecia ter sido feito ainda.

● OUROBOROS

EM UMA ESPÉCIE DE ÁTRIO, ao fim de muitas subidas e descidas no interior do templo, Naia deparou com uma serpente enorme, de pele colorida e cintilante, abocanhando a própria cauda. Nesse ato, o corpo do réptil formava um círculo que se movia eternamente, devorando-se e nutrindo-se. Próximo à serpente, sobre um grande altar, havia um enorme gato de pelos alvos, cauda longa e emplumada e pelugem na parte de trás da cabeça. A bela criatura, cuja cor oscilava entre verde e dourado, não se dirigiu à menina. Foi ela quem precisou tomar a iniciativa:

— Olá.

O imenso gato olhou-a de cima, as patas dianteiras descansando uma sobre a outra, cada qual com cinco dedos humanos, e um olhar de sublime tranquilidade.

— Meu nome é Ítaca. Quem é você, pequena?

Naia não fazia ideia de que ser seria aquele, nem se era masculino ou feminino, mas atribuiu-lhe divindade.

— Você deve saber quem eu sou — respondeu. — Geralmente as pessoas sabem. Dizem que estão me esperando e tudo o mais.

— Sim, sei quem você é — disse Ítaca. — Perguntei apenas porque quero ouvi-la apresentar a si mesma.

Muita coisa mudava, pensou a menina. Uma coisa é quando alguém conta a sua história, outra bem diferente é quando você mesmo tem a chance

de contá-la. E tratou de nar-

rá-la tim-tim por tim-

-tim. Obviamente era

outra história, porém

não menos verdadeira

que esta. Os relatos se

constroem, são seleciona-

dos, e há quem diga que é pos-

sível mentir contando apenas

verdades. Naia fazia isso, eu

fiz e você, toda vez que se

lembrar deste livro, tam-

bém o fará.

— Muito interessante —



comentou Ítaca quando ela finalmente chegou ao “encontrei uma serpente que se autocanibaliza”. — Poucas pessoas fazem um caminho tão belo quanto o seu.

— Mas você conhece tudo o que lhe relatei e um pouco mais, pois é onisciente... — insistiu Naia no argumento.

— Sim, conheço esses povos e lugares que narrou. Mas foi bom reconhecê-los por seu intermédio. Aliás, por mais que pense que não, eu não sou nada. E agora, o que decide? Quer avançar?

A menina emitiu um gemido de indagação e excitação, ao mesmo tempo que deu um passo para trás.

— Estou aqui, no eixo do mundo, oferecendo-lhe a possibilidade de ir além — prosseguiu Ítaca, com sua voz tranquila. — Você merece. Todos os que chegam aqui têm mérito, é importante que saiba, você não foi a única. Muita coragem é exigida, assim como compreensão...

— E o que tem do outro lado?

— Outro mundo, superior a este.

— Não foi essa minha pergunta. Vou repetir: o que tem do outro lado?

— Ora, o mesmo que tinha do outro lado do tronco, quando você deixou o Vilarejo.

Agora a pergunta tinha sido respondida, mesmo que não completamente.

— O portal vai se abrir. Se atravessá-lo, não poderá mais voltar. Faça sua escolha e boa viagem.

Enchendo as bochechas de ar, Ítaca deu um grande sopro e a magia estremeceu a realidade, fazendo os olhos de Naia brilhar, seu corpo parecer leve, sua mente mal entender o fenômeno que ocorria. No centro do ciclo eterno da serpente, o chão foi se fragmentando até fender-se em um portal. Ainda sob o vento tempestuoso que a envolvia, a menina aproximou-se da beira: era como um pequeno lago cristalino; através de suas águas, podia-se ver um mundo diferente, maior, mais belo...

Bastava saltar por cima do corpo da serpente e mergulhar.

● UMA ESCOLHA

E AGORA? ORA, É BOM QUE Naia vá além, mas nós não podemos ir com ela. Fiquemos por aqui. Nada terminou, nunca termina, porque as possibilidades se abrem sistematicamente, alternando-se. Dizem que, toda vez que alguém faz uma escolha, o Universo se bifurca em duas realidades distintas, de modo que ambas as consequências se dão, cada uma delas em seu plano. O “não” que foi dito aqui foi um “sim” em outro mundo semelhante a esse, e vice-versa. No fim, há um número tão incrivelmente inimaginável de realidades se entroncando que não se pode dizer que haja uma linha temporal, e sim uma árvore, um emaranhado. Nossa consciência sempre se manterá viva em alguma delas.

Se Naia atravessa o portal, é o fim da linha para nós; se ela escolhe ficar e seguir sua jornada nesse mundo, nós vamos com ela. Um equivale a nossa

morte; o outro, a nosso renascimento. Nenhuma inteligência concebe a própria morte, mesmo que o “quase” chegue repetidas vezes — mas em alguma dessas incoesões a consciência vai sempre se manter, e é nela que estaremos sempre. Complicado? O princípio é simples: não poderíamos observar uma situação em que não existimos, porque nesse caso não estaríamos lá para ver. Dessa maneira, das duas opções que Naia tem diante de si, apenas uma, a nossos olhos, é possível. Essa é nossa imortalidade.

Ademais, traçamos uma jornada de modo fabuloso e deslumbrante, como tudo na vida é, e agora a “concluiremos”. As coisas são fragmentos de espetáculos magníficos, os quais nós mesmos criamos. E esta aqui não é uma história apenas para entreter e comover; longe disso, é uma proposta. Trata-se de peças de cores e formatos diversos, das quais se deve fazer uso, assumindo a função de engenheiro para construir uma coisa maior. Minha história não será igual à sua. É um enigma ou, quem sabe, a própria esfinge que o propõe: “Decifra-me ou te devoro”. Prevejo quantos serão devorados por ela.

E o narrador do final deste livro já não é mais o mesmo do início.

● O ADEUS DE ÍTACA

QUEM VIAJA SABE: A JORNADA não é simplesmente o caminho que se faz entre o ponto de partida e o de chegada, mas um processo ininterrupto. É apenas uma de muitas possibilidades, um trajeto sustido em olhares, um fenômeno que se admite eternamente insuficiente, porém, como já foi dito, deslumbrante. É o descobrimento e o redescobrimento das coisas, pois nunca se pode dizer que tudo foi visto.

A viagem, mesmo sem sair do lugar, deve nos ensinar algo, ou estamos no caminho errado. Mas quem sabe o que as viagens sem fim ensinarão a Naia para além do Fim do Mundo? Não temos como responder, porque podemos apenas observá-la de longe enquanto conversa com os seres do lado de lá. Tal final é o mais simples, porém o que promete coisas mais grandiosas.

A nós é reservado outro, mais próximo e não

menos perturbador. Permita-me corrigir o que disse logo acima: é este o final que promete coisas mais grandiosas. Nele, a menina se despede de Ítaca e reencontra seus dois amigos na beira do mundo, um mundo ainda tão inexplorado para recomeçar ou, quem sabe, terminar o que haviam começado... Assim, vemos que a Naia que fica neste mundo quer continuar a explorá-lo. E também deseja reencontrar seus pais e cada um de seus amigos no Vilarejo e fora dele, incluindo o sapo, o lunático, a coruja, a Grande Árvore, o Rapsodo, os habitantes do Caminho Molhado e de Laguna, o rei, o alquimista, a grande gaviã, a grande tartaruga e até a bruxa e todos os outros, por que não?

Naia esticou sua jornada neste mundo sem ter suas perguntas respondidas pelo simples motivo de que, quanto mais conhecimento se tem, mais se percebe que ele nada é. Ela cumpriu muito do que queria, mesmo sem saber bem o que queria, tornando-se conhecida nos lugares que visitou como “a menina irritantemente curiosa”. Em sua homenagem, os ankharos de Laguna fizeram uma canção e o rei criou um feriado na Capital (talvez pela preguiça de trabalhar). Os animaizinhos da floresta lembravam-se dela com simpatia. E, mesmo aqueles outros seres e povos que Naia

não viu nem visitou acabaram, em outros tempos e circunstâncias, ouvindo rumores sobre a menina curiosamente irritante ou mesmo lendo relatos de suas famosas aventuras — como o que consta no grande livro de capa verde escrito por Rapso-do, o ankharo tocador de ocarina, que dedicou um conto inteiro a seu encontro com ela.

O conto era até interessante, mas, virando a página, havia outro ainda melhor, sobre um menino aventureiro que empunhava uma espada de rubis e desejava ser herói contra todos os tipos de forças do mal. Seu desejo vinha das lendas que ouvia em torno da fogueira, à noite, pela boca do ancião da cidade. Eram narrativas sobre guerras e feitos grandiosos, que falavam da criação do mundo e de muito antes, quando os deuses de sua mitologia decidiram desenvolver, em conselho, um método de organização da matéria. Cada qual tinha sua opinião, porém um deles apresentou um projeto detalhado com base em leis, raças, continentes, mencionando até como seriam as linhagens e dinastias, mas perdeu por votação, e o mundo acabou sendo feito de outra forma. De todo modo, a história estava lá.

De acordo com ela, o primeiro rei seria assassinado por seu irmão mais novo, que passaria o resto

da vida na primeira prisão do mundo, dividindo a cela com um trapaceiro que costumava contar mentiras de galanteador, como quando supostamente teria seduzido uma ninfa das florestas. Essa ninfa jamais se apaixonaria por um trapaceiro, pois o homem que ela amava existia apenas em seus sonhos. Uma verdade inalcançável e cruel, já que o homem de seus sonhos também não podia alcançá-la. O tempo passou e ele acabou casando e constituindo família. Já velho e desocupado, certo dia resolveu contar a seus netos a história de um cavaleiro que enfrentava toda sorte de perigos para salvar uma princesa presa na torre. Enquanto esperava o herói vir salvá-la, ela lia, entendiada, uma história sobre um caçador de tesouros. Este se tornou famoso pela quantidade de joias encontrada, mas não rico o bastante...

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



LUCAS M. CARVALHO nasceu em 1993, em Curitiba, Paraná. Na infância, mudou-se com a família para a cidade do Rio de Janeiro, onde vive. Amante de ficção científica e do gênero fantasia, é graduado em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e faz mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na mesma instituição. Escreveu seu primeiro livro, *O espetáculo de Grimnlaud*, aos dezesseis anos de idade. Lançou, depois, *Abaixo das nuvens* (2012) e vem publicando diversos contos em antologias de ficção científica. Integra o Poligrafia (<https://poligrafia.me>), grupo de produção e crítica textual.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



RAFA ANTON nasceu em Vigo, na região da Galícia, Espanha, em 1963. Ilustrador autodidata, já morou em Madri (Espanha) e Munique (Alemanha) antes de fixar residência em São Paulo, onde vive. Além de ilustrar livros para crianças, trabalha para produtoras de cinema e agências de publicidade, fazendo *storyboards* e criação de personagens. É autor e ilustrador de *A incrível história do homem que não sonhava* (Sesi-SP Editora, 2014).

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteruranosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteruranosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

FONTES Unit Rounded e Augereau

PAPEL Offset 90 g/m²